



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO
Especialização: História e Teologia das Religiões

JOSÉ EDUARDO RIBEIRO ROCHA

Infortúnio e Culpabilidade
O mal no pensamento de Adolphe Gesché

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Jorge Teixeira da Cunha

Porto
2012

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes:

- GESCHÉ, Adolphe — *Le mal et la lumière*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003. Pensées pour penser.
- GESCHÉ, Adolphe — *O Mal*. Tradução: Abílio Cardoso. Lisboa: Rei dos Livros, 1996. Deus para Pensar.
- GESCHÉ, Adolphe — Théologie dogmatique. In *Initiation à la pratique de la théologie*. Paris, v.1, 1982, p.273-274
- GESCHÉ, Adolphe — Une Preuve de Dieu par le bonheur. In *Lumen Vitae*, nº 43, 1988, p. 9-27
- GESCHÉ, Adolphe — Du défi d'aujourd'hui à la foi de demain. In *La Foi et le Temps*. Nº 14, 1984, p.483-509

2. Estudos:

- BONORA, A. — *Mal/Dolor*. In Nuevo Diccionario de Teologia Biblica. Dirigido por P. Rossano, G.Rvasi, A.Girlanda. Madrid: Paulinas, 1990, 1091
- CIORAM, Emile-Michel — *De l'inconvénient d'être né*, Paris: Gallimard, 1973, Coll. Idées
- CUNHA, Jorge Teixeira — *O Evento do Filho-Evento do Homem*. A relação do homem a Cristo Pascal fonte da ética na obra de F.-X. Durrwell, Porto. 1989
- DELUMEAU, J. — *Le péché et la Peur. La culpabilisation en Occident*. Paris, 1983
- MOHANA, João — *Padres e Bispos auto-analisados*. São Paulo: Edições Loyola, 2004
- NEMO, Philippe — *Job et l'excès du mal*. Paris: Grasset, 1978
- NOLAN, Albert — *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa. Prior Velho: Edições Paulinas, 2008
- KANT, Immanuel — *A religião nos limites da simples razão*. Trad. Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 1992
- PEREIRA, Florentino Mendes, cmf — *O segredo da Pessoa Humana: Contributo à psicologia do Inconsciente*. Prior Velho: Paulinas editoras, 2010
- RICOEUR, Paul — *Philosophie de la volonté II. Finitude et culpabilité*. Comprenant deux textes: *L'homme failible, La symbolique du mal*, Paris: Aubier, 1960

RIZZI, Armido — *Mal*. In Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde. Dirigido por Giuseppe Cinà, Eféio Locci, Carlo Rocchetta, Luciano Sandrin. Tradução Calisto Vendrame e Leocir Pessini. S.Paulo:1999. P.719-728

RODRIGUES, P.— *Pensar al hombre*. Antropologia teológica Adolphe Gesché (Biblioteca Salmanticensis. Estudios, 333), Salamanca, Publicaciones de la Universidad Pontificia de Salamanca, 2012, p. 21-34.

3. Outros:

BERNANOS, Georges — *Journal d'un curé de champagne*. Paris, 1936

BOURGINE B.,— "Gesché, Adolphe", dans Académie Royale Des Sciences, Des Lettres Et Des Beaux-Arts de Belgique, *Nouvelle Biographie nationale*, vol. 11, Bruxelles, 2012, p. 151-153

GABRIEL Malagrida. http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_Malagrida. 5.12.2012 16H15

GESCHÉ, A. <http://uclouvain.be/355399.html> 14-12-2012 16H

MALAGRIDA, padre Gabriel. <http://www.arqnet.pt/dicionario/malagrida.html> 5.12.2012 16H

UM ABALO PARA A CIÊNCIA. <http://dererummundi.blogspot.pt/2012/10um-abalo-para-ciencia.html> 13-12-2012 20H

INTRODUÇÃO

Concluída a minha licenciatura na Faculdade Filosofia de Braga, vivi durante trinta anos longe das lides académicas intensamente ocupado na actividade empresarial. Nos últimos dez anos li muito de espiritualidade numa busca incessante de encontrar resposta para as muitas interrogações do sentido da minha vida confrontada com o mundo em que vivemos.

Nesta busca pessoal deparei-me com vários tipos de mal: logo me confronto com o mal subjectivo, ou seja o mal que o sujeito humano encontra numa acção que planeou boa e na sua liberdade lhe saiu má, como já S.Paulo o sentiu há dois mil anos: «Assim, o que realizo, não o entendo; pois não é o que quero que pratico, mas o que eu odeio é o que faço.» (Rom 7,15) Quem não sentiu já na sua vida que com o objectivo de fazer o bem a outros é o mal que estes acabam por receber como destinatários?

Por outro lado à minha volta o mal objectivo aparece na própria existência humana em casos concretos de pessoas próximas com doenças físicas incuráveis como a esclerose múltipla, os diversos tipos de cancro, cancro nos pulmões, na mama, etc. Em casos que acompanhei, vivi este drama de sofrimento e incapacidade pessoal para levar a cura a estas pessoas. Surgem as interrogações mais variadas: o porquê deste sofrimento em pessoas que têm uma vida honesta, simples e justa; o porquê de carregarem um mal tão cruel e pesado, um mal imerecido. Durante algum tempo pensei que o mal físico destas pessoas tivesse origem no mal moral ou seja nos erros que cometeram no passado e agora sofrem as consequências. Em alguns casos sim, os excessos de liberdade provocaram lesões físicas ao nível do ser psicossomático que é a pessoa. Mas nos casos extremos de cancros que culpa pessoal têm para sofrerem e morrerem deste mal? Que dizer dum bebé ou duma criança onde ainda não existe culpabilidade pessoal?

Pessoalmente, fico espantado com o número de pessoas que recorrem a antidepressivos, calmantes e ansiolíticos para atenuarem os efeitos de desequilíbrios psíquicos provenientes de depressões, neuroses, psicoses, as doenças modernas que guardam no inconsciente humano culpabilidades e culpabilismo, num mundo que quer viver freneticamente e ver satisfeitas as suas exigências a qualquer preço.

Diariamente confronto-me com as notícias dos mais variados males que acontecem no mundo. Os noticiários dão conta de terremotos que se dão em zonas onde as placas tectónicas da crosta terrestre se ajustam e se dá a perda de inúmeras vidas humanas. Terremotos a que se seguem maremotos com consequências devastadoras ao nível de vidas e culturas. Ciclones, tufões, enfim um conjunto de fenómenos meteorológicos que põe em causa tanto trabalho

humano ao nível de culturas da terra. Este é o mal objectivo que hoje mais sensibiliza a sociedade porque aparece como um mal imerecido que atinge milhares de inocentes deixando o Homem passivo perante tão catastróficos acontecimentos. No momento das tragédias mobiliza-se a sociedade que de forma geral responde positivamente e prioritariamente com apoio às vítimas tentando em seguida explicar a culpa deste mal nos fenómenos naturais e na acção do Homem moderno no condicionamento do ambiente. Todos perguntam onde está Deus quando tais acontecimentos se dão. Procura-se um culpado, porque o desejo humano é de ver justificado todo o mal. Mas, muitas vezes, este mal infortúnio não encontra explicação numa falta pessoal e deste modo é um mal imerecido. Esta tese não foi assim compreendida no passado e mesmo agora no século XXI continua a persistir a ideia de que sempre que há uma catástrofe natural tem que se encontrar culpados entre os Homens. Ao cúmulo do trágico se acrescenta o cúmulo do ridículo ao pretendermos atribuir a responsabilidade do mal infortúnio a erros ou pecados cometidos pelas vítimas. E se esta mentalidade permaneceu ao longo de séculos passados no pensamento cristão continua a estar presente hoje mesmo num pensamento laicista.

A este propósito, recordo duas histórias que se ligam no seu fundamento, uma passada no século XVIII no terramoto de Lisboa de 1755 e outra equiparada a esta que se passou nos nossos dias no terramoto de l'Aquila em Itália em 2009.

Quando se deu o terramoto de Lisboa em 1755, a população vivia aterrorizada por este terramoto e temia angustiosamente por outros abalos. O Marquês de Pombal mandou compor e publicar um folheto escrito por um padre onde se atribuía o terramoto a causas naturais e se pretendia retirar da mente das pessoas a necessidade de penitência e contrição e negar a ideia de que fora um castigo de Deus. Esta foi a forma do poder político de então, de acalmar o povo e fazer a vida voltar à normalidade. Mas o padre jesuíta Gabriel Malagrida ficou indignado com este folheto e escreveu um outro intitulado: "Juízo da verdadeira causa do terramoto que padeceu a corte de Lisboa no 1º de Novembro de 1755", onde combatia o folheto do Marquês de Pombal atribuindo o terramoto a um castigo de Deus e citava profecias de freiras para o comprovar. E dado que o castigo de Deus era inalterável apenas se devia fazer procissões, penitências, recolhimento e meditação de seis dias nos exercícios de Santo Inácio de Loyola. Em consequência destes escritos do padre Malagrida, o Marquês de Pombal mandou queimar o folheto e desterrou Malagrida para Setúbal. Depois do atentado dos Távoras em 1758 o Marquês de Pombal aproveitou a ocasião para prender e acusar Malagrida de estar conivente com o atentado fruto dos seus escritos. Na sua demência provocada pelos trabalhos na prisão doentia, Malagrida é entregue ao Santo Ofício de Lisboa presidido pelo irmão do Marquês e acusado de falso profeta e herege, sendo condenado ao garrote e à

fogueira num auto de fé no dia 21 de Setembro de 1761. Já não bastava o trágico e o absurdo que foi o terramoto, este mal infortúnio, para se juntar a ele a intolerância do Marquês e da Inquisição na condenação de Malagrida, o que levou Voltaire na obra "Cândido" a comentar desta maneira: «...ao excesso de absurdo, juntou-se o excesso de horror»¹.

De forma semelhante, no passado dia 22 de Outubro, foram condenados no tribunal de l'Aquila a seis anos de prisão, seis cientistas italianos e um dirigente da protecção civil por não terem prevenido as autoridades do terramoto acontecido naquela cidade a 6 de Abril de 2009 que deu origem a algumas centenas de mortos. Como no caso do padre Malagrida o julgamento e a condenação têm origem num mal infortúnio, o tremor de terra. Também aqui se pode repetir as palavras de Voltaire: ao excesso de ridículo e absurdo que é o julgamento dos cientistas acrescentou-se o excesso de horror que foi a sua condenação ao cárcere. A diferença nestes dois casos está que se Malagrida é condenado por alimentar o terror e o pânico na população, os cientistas são condenados por não terem contribuído para o pânico e terror pois não foram capazes de prever o sismo. O poder político queria evitar o medo e o pânico popular que levaria ao descontrolo da cidade, caso fosse previsto o iminente sismo. E como em anos anteriores, pequenos abalos aconteciam na cidade sem prejuízos significativos, o poder político desejava ver a população descansada e despreocupada apesar de estar a assistir a pequenos tremores de terra. Quis o poder político que os cientistas dessem um parecer relativamente à hipótese de haver um sismo de dimensão, porque um impostor "cientista" havia feito uma profecia para um terramoto numa cidade próxima chamada Sulmona. A comissão dos cientistas reuniu-se com a protecção civil em 31 de Março de 2009, a seis dias do terramoto de l'Aquila, a mando da política para poder tranquilizar as populações amedrontadas. À saída da reunião, na conferência de imprensa os cientistas ficaram calados, mas falou o responsável da protecção civil para que as pessoas estivessem tranquilas que nada de catastrófico aconteceria. Hoje a ciência ainda não é capaz de prever um sismo a determinada hora em determinado sítio, como também não pode prever um não sismo. Desta forma os cientistas foram condenados por estar calados, mas também podiam ser condenados se falassem com profecias falácias.² Vemos desta forma este mal infortúnio que sobreveio sobre a população de l'Aquila a encontrar a sua responsabilidade num mal pessoal atribuído aos cientistas, o que é um verdadeiro terror que se junta ao horror.

¹ Cf. MALAGRIDA, padre Gabriel. <http://www.arqnet.pt/dicionario/malagrida.html> 5.12.2012 16H

² Cf. UM ABALO PARA A CIÊNCIA. <http://dererummundi.blogspot.pt/2012/10um-abalo-para-ciencia.html> 13-12-2012 20H

Mas também verifico que na sociedade actual há uma maior tolerância e menor sensibilidade ao mal moral, subjectivo quando tal mal é praticado por vingança a outro que a sociedade considera "merecido" pelo mal que este tenha feito. Parece que a nossa sociedade está mais sensível ao mal infortúnio que ao mal moral. Isto vê-se na forma como estes males são combatidos pela sociedade: faz-se apelos a doações caritativas para combater os efeitos das catástrofes ou mesmo da pobreza e omite-se os apelos à conversão pessoal, ao autoconhecimento para combater as imoralidades.

Vivemos um tempo em que cada país procura ver o seu sistema económico crescer através de políticas de desenvolvimento industrial, de mão-de-obra barata cujo objectivo é enriquecer grandes grupos económico-financeiros. O bem que é para alguns (os ricos) é o mal para muito desempregado ou para muita gente que vive com um rendimento diário de poucos euros. Basta olhar para a crise que estamos a viver no nosso país. A direita acha que a crise se resolve pela liberalização completa da nossa economia um pouco à semelhança das economias ricas da europa. É preciso libertar o Estado do peso das empresas públicas e privatizá-las. O dinheiro primeiro, as pessoas depois! A esquerda quer o Estado a regular tudo onde os prejuízos das empresas públicas se projectam no orçamento do Estado na carga de impostos. A crise está instalada e já parece um mal que não tem solução na mente de muita gente. Como fazer perceber a quem muito tem que os recursos têm que ser repartidos, assim como os sacrifícios?

Os progressos científicos quase convenceram o Homem de que, num futuro breve, poderá tornar-se imortal, preservando o seu corpo por anos infinitos. A verdade é que o contraste é espantoso: o Homem consegue dominar a terra, o espaço, prolongar a vida do seu corpo corrupto e contingente por mais vinte ou trinta anos, mas não consegue evitar a guerra entre etnias, raças ou povos; não consegue dominar os seus instintos destruidores promovidos pela inveja, soberba, ganância e desejo de poder; não consegue cientificamente contrariar e vencer a surpresa do imprevisto quando na análise de exames médicos não percebe como é possível que as células mortas alterem uma ordem natural da vida e passem a ordenar as células vivas numa nova ordem de morte, como é o caso do cancro. É algo de irracional e enigmático.

Por outro lado, esta sociedade moderna não quer ouvir falar de dor, sofrimento ou morte. Estes factores de mal são escondidos às novas gerações porque o mal não é para ser enfrentado ou, no extremo, é para ser combatido mas não compreendido e explicado.

No culminar do meu desejo de conhecer mais profundamente o ser humano, de encontrar resposta para estas questões do mal dentro do Homem e fora do Homem, de encontrar meios para combater e eliminar estes males, em suma, de me capacitar humana e

teologicamente para combater o mal, decidi matricular-me no curso de doutoramento em Teologia num tema que me é peculiar: “Fé, cura e capacitação frente ao mal”.

O Homem como sujeito natural não está preparado para viver a sua vida de forma harmoniosa e justa. Nasce incapaz de viver esta sua vida devido a uma inclinação interior para o mal a par duma vontade de buscar o bem. A tradição judaico-cristã fala de um mal das origens, um fracasso da liberdade humana. Necessita, pois, de ser curado e salvo desta inclinação para o mal que o pode levar à perdição. O sujeito humano é tantas vezes transformado num objecto de estudo, retalhado nas suas componentes humanas. Urge, portanto, olhar a pessoa humana na sua essência e na sua existência tratando os seus males sem a esquartejar; compreender e explicar o mal que atinge o sujeito humano e a sociedade, o mal que é subjectivo, que vem de dentro do Homem, mas também do mal objectivo que vem de fora do Homem. Donde vem o mal? Donde vem a salvação?

A presente dissertação pretende ser um contributo para esclarecer esta questão do mal. Para o fazer recorri à obra de Adolphe Gesché. É o próprio autor que considera ser crucial começar por este assunto do mal que afecta o Homem e o confronta com o mundo e com Deus. A filosofia tratou esta questão do mal durante séculos num discurso predominantemente racionalista e idealista sem nunca chegar ao núcleo da questão do mal existencial com que o Homem concreto se depara no seu dia-a-dia. Adolphe Gesché pretende levar uma resposta ao Homem que sofre e é vítima do mal antes mesmo de ser culpado do mesmo. Será a partir do Homem vítima do mal e não culpado que desenvolverá a tese do mal infortúnio negligenciado pela teologia. Numa topologia conceptual e ética do mal herdada de Santo Agostinho apenas era tido em conta o mal culpa e o mal castigo, concentrando no sujeito humano toda a responsabilidade do mal. A história do padre Malagrida aquando do terramoto de Lisboa de 1755 e a dos cientistas no terramoto de l'Aquila de 2009, reflectem bem que esta mentalidade redutora da questão do mal ao sujeito humano continua a teimar persistir na sociedade.

«Deus para pensar» é o nome da primeira colecção que Adolphe Gesché dá a um conjunto de temas que vai tratar no âmbito da teologia. Esses temas abordarão questões que levam o Homem a grandes interrogações acerca de si, do seu sentido último, de Deus, do mundo. Nesta colecção "Deus para pensar" quer mostrar que a ideia de Deus, longe de ser uma ideia perdida e desactualizada pode ajudar qualquer um, crente ou não crente, a pensar porque ela contém uma inteligibilidade própria dum excesso, o que permite pensar até ao limite qualquer questão posta sobre o Homem, sobre os outros ou sobre o universo. O

primeiro livro desta colecção é: "O Mal"³ no qual pretende trazer «Deus para pensar o mal». Trata-se dum livro com cinco capítulos que têm uma certa progressão mas podemos saltar capítulos para trás ou para a frente sem que se perca a compreensão dos temas pois cada capítulo trata de forma conclusiva cada tese do autor sobre a questão do mal. Irei focalizar o meu trabalho sobretudo a partir do capítulo II deste livro por achar que contem todas as teses do autor e recorrerei a citações de outras partes do livro para melhor explicitar o pensamento de Adolphe Gesché.

Mais tarde o autor inicia outra colecção «Pensées pour penser» que segue em paralelo os temas da primeira colecção onde recolhe todas as ideias espontâneas que lhe foram surgindo quando estudava e escrevia os respectivos livros. É portanto um conjunto de pensamentos seus isolados, às vezes contraditórios, pois o autor prefere ver assim o leitor confrontado com o contraditório a fim de elaborar a sua própria dissertação. É também um conjunto de citações de pensamentos de vários autores que na sua leitura inspiraram os seus livros. Nesta segunda colecção "Pensées pour penser" aborda os temas da primeira colecção pela mesma ordem e "Le mal et la lumière"⁴ é o primeiro livro da colecção sobre a questão do mal onde apresenta curtos pensamentos, reflexões e citações que foi recolhendo durante o tempo em que reflectiu e escreveu sobre o tema do mal e que permite ao leitor, na sua opinião, consultar de forma espontânea qualquer capítulo para organizar o seu trabalho em ordem à sua reflexão e dissertação. Quer o autor confiar a quem leu o livro da primeira colecção "O mal" todos os não ditos que escaparam e que são neste livro "Le mal e la lumière" melhor explicados ainda que se apresentem ao leitor sob a forma de pensamentos e citações às vezes contraditórios para exercitarem o investigador a fazer a sua própria tese sobre a questão do mal. Estes pensamentos são espontâneos, improvisados, pequenas intuições que trazem evidências insolentes mais que grandes dissertações bem fundamentadas onde as pequenas evidências ficam obscurecidas no tema geral da tese. Estes pensamentos, intuições ou citações são, para o autor, o meio de pensar o Homem, o mundo e até Deus com a frescura da novidade e da surpresa. O livro contém um número abundante de citações de outros autores que Adolphe Gesché explica ser a forma de ele próprio se justificar ao abrigo do que os outros pensam e sobretudo para provar que ao juntar-se a outros não está sozinho no reino do pensamento tão enriquecido pelo trabalho desses pensadores. Estas citações mostram que a transmissão dos pensamentos e das ideias ao longo dos séculos foram os grandes elementos formativos daquilo que hoje somos e por outro lado é uma forma de mostrar que não somos

³ GESCHÉ, Adolphe — *O Mal*. Tradução: Abílio Cardoso. Lisboa: Rei dos Livros, 1996. Deus para pensar; I. ISBN 972-51-0607-5

⁴ GESCHÉ, Adolphe — *Le mal et la lumière*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003. Pensées pour penser; I. ISBN 2-204-07250-8

pretensiosos e falsos eruditos ao apresentar as nossas ideias ligadas a toda a família humana que desde a antiguidade até à modernidade partilham as suas teses. É por isso que o autor considera como fontes do seu conhecimento para fazer teologia tudo o que leu e estudou em múltiplos domínios da literatura à ciência, da teologia à filosofia, da antropologia à psicologia. Daí que algumas citações apresentadas neste livro, nomeadamente as que são retiradas de romances em literatura, não têm uma ligação directa à teologia mas serviram de inspiração a esta. «É assim que a maior parte das minhas citações vêm de outras fontes para além da teologia e vêm entretanto clarificá-la e dar-lhe alimento novo.»⁵ E finalmente, este livro é o recenseamento de outros autores mas que permite a cada um de nós de se recensear a si mesmo pois que «recensear a si mesmo é fazer o percurso daquele que nos visitou e ao mesmo tempo descobrir totalmente o espírito que sopra em nós e que vem de nós, que faz parte de nós e nos constrói.»⁶

Sendo o tema do mal um assunto inacabado ao longo das várias épocas, Adolphe Gesché entende que qualquer obra moderna, à semelhança de obras antigas em que conhecemos apenas fragmentos da sua totalidade, não deve massacrar o leitor com ideias dogmáticas e fixas, mas serem um convite ao apaixonante jogo de pensar com o objectivo de o leitor construir o seu próprio pensamento.

Para pensar bem sobre uma questão, diz o autor, é preciso ter a coragem de fazer o questionamento até aos confins, até aos limites dos meios de que dispõe. É por isso que a ideia de Deus, para o crente e o não crente, prossegue esse objectivo visto ela conter um «excesso» que será benéfico para quem quer pensar bem e sem preconceitos.

«Na diligência que aqui faz, o teólogo não fala de um Deus onisciente, que dá resposta a tudo. Ele terá mesmo de se comprometer [...] até ao ponto de assumir, como Job, os riscos de uma contestação – sem o que não existiria o livre exercício da inteligência, nem sequer da inteligência crente»⁷

É, portanto, este desafio a que se vai submeter o nosso autor e cuja ambição é que «os crentes e não crentes se sintam convidados a acolher a questão de Deus para pensar»⁸

As fontes para este trabalho sobre o enigma do mal no pensamento de Adolphe Gesché serão as obras e artigos por este publicado sobre o mal e apresentados na Bibliografia. A perspectiva do autor é abordar o mal sob o ponto de vista teológico: primeiro, apoiando-se na teologia narrativa das origens procurar saber como aparece o mal – será o primeiro capítulo desta dissertação com destaque para Deus "surpreendido" pelo mal na leitura hermenêutica do Livro do Génesis; segundo, rever a moralização e dogmatização do mal: perceber como se

⁵ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.14

⁶ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.16

⁷ GESCHÉ, Adolphe — *O Mal*. Tradução: Abílio Cardoso. Lisboa: Rei dos Livros, 1996. Deus para pensar; I. ISBN 972-51-0607-5 P. 9

⁸ GESCHÉ, Adolphe — *O Mal*. P.10

entretetece a trama do mal – será o segundo capítulo com relevo para o mal infortúnio negligenciado pela teologia; e terceiro apresentar uma teologia prática, salvífica encontrando mediações para combater o mal – será o terceiro capítulo com destaque para a libertação psíquica do sujeito humano.

CAPÍTULO I

A surpresa do mal no plano da criação

O mal é a coisa no mundo que mais revolta o ser humano pela sua irracionalidade, pela sua repugnância e pela perturbação que causa no coração e na razão, pois coloca o Homem diante das interrogações mais últimas. Começar por tratar a questão do mal prioritariamente na sua colecção «Deus para pensar» antes mesmo de falar do Homem, de Deus ou do mundo, tem a sua razão no Homem concreto de hoje que sofre as agressões do mal no seu físico e no seu espírito. Por isso não tem sentido falar do Homem em si abstracto quando um Homem concreto a seu lado grita, ferido pelo mal, à espera de uma resposta para a solução do seu problema. «É uma questão inaugural. Há ou não um sentido no facto de que em toda e qualquer latitude simbólica na qual nos situamos, se fala de "pecado original", de "mal radical", de "paraíso perdido", de "exílio de uma idade de ouro"?»⁹ Torna-se deste modo justificativo iniciar uma dissertação sobre esta desgraça que é o mal para o Homem, para o mundo e talvez até para Deus.

O caminho a seguir para tratar este assunto será o anunciado já no prefácio "Deus para pensar" mas aqui de forma concreta: "Deus para pensar o mal". Não é possível para o autor abordar tudo sobre o mal na sua obra. Mas pretende que este empreendimento seja sob várias perspectivas diferente de outros e «crê que, colocando Deus para pensar, uma ideia "excessiva" (Deus) pode ajudar a pensar um excesso (este excesso que é o mal). E crê que um "irracional" (Deus) ocupa, por vezes talvez melhor que a simples razão, um lugar mais adequado para responder à medida (à desmedida) do irracional (o mal). Que crê, enfim, que talvez haja então uma aurora para pensar uma outra ideia louca, a ideia de salvação, que nem sequer é um privilégio dos crentes»¹⁰

1. «O mal confunde a razão e faz-nos ficar sem palavras»¹¹

Esta afirmação de Adolphe Gesché indica-nos de imediato qual será o parecer do nosso autor no que diz respeito à questão do mal. Vou expor o seu pensamento relativamente ao grande enigma que tem percorrido todo o pensamento da humanidade até aos dias de hoje, sem uma solução radical e definitiva. Adolphe Gesché dá-nos mais um contributo para esclarecer alguns aspectos desta questão enigmática. Eis a forma como pretende ver tratada esta questão do mal: «O objectivo da nossa reflexão é precisamente compreender bem o que é o mal, e medir bem qual é a nossa responsabilidade. Faz-nos falta, então, falar do mal e abordar

⁹ GESCHÉ, Adolphe — *O Mal*. P.11

¹⁰ GESCHÉ, Adolphe — *O Mal*. P.13

¹¹ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.17 : "Le mal égare la raison et fait fuir les mots"

deliberadamente o seu carácter terrível. Cada um fá-lo e tem de fazê-lo à sua maneira. A minha será a do teólogo. [...] Não será esta a verdadeira missão da teologia: depor uma questão em Deus (*in Deo*) ou pôr Deus numa questão, e ver o que daí surge? [...] Adiantar-se a uma sobredeterminação antropológica com uma sobredeterminação teológica talvez pondo em risco o próprio Deus? Mas se Ele mesmo se apresentou e se adiantou como o Cordeiro de Deus que carrega em si este intolerável; se Ele próprio desceu aos infernos; se Ele próprio estremeceu diante do mal; se Ele se comoveu e ficou perturbado por aquilo que feria os outros – talvez não seja assim tão temerário abordar o mal teo-logicamente.»¹²

Quando reflectimos sobre o mal sentimos que ele nos perturba tanto ao nível da razão como do coração, ou seja, é uma questão que afecta a nossa totalidade existencial. É que se o tema do mal confunde e perturba de imediato qualquer discurso racional e bloqueia as palavras que se lhe possam ser atribuídas, então, é melhor ficar em silêncio do que dizer algo sobre este perturbador tema? Questiona Adolphe Gesché. Tal acontece devido à sua irracionalidade e à sua força que transtorna completamente as raízes em si da racionalidade que o deseja pensar. «O que há de desrespeito para a razão na questão do mal: que não só não se justifica seguramente, como não se explica mesmo.»¹³

Mas, então, que devemos fazer? Ficar em silêncio ou falar do irracional correndo o risco de lhe dar existência racional e justificativa, ele que é algo irracional e sem sentido? Perante este dilema, afirma o autor, é preferível procurar encontrar palavras para falar sobre o mal, inclusive diante de Deus, do que ficar calado e deixar que o mal tenha campo livre para proclamar as suas vitórias sobre o Homem e sobre o mundo.

Então, como falar sobre o mal, pergunta Gesché? Como fizeram os filósofos desde os antigos aos modernos, desde Platão, Agostinho, Tomás de Aquino cujo discurso metafísico de tipo racional negava a existência do mal como ser, pois o mal é simplesmente a ausência de bem e não se deram conta que estavam a insultar quem sofre em si mesmo os efeitos do mal? Ou como os que seguem um discurso apologético próprio da teodiceia onde se defende a causa de Deus (*Pro Deo*) e se se apressa em inocentar Deus de toda a responsabilidade culpada no mal, ora negativamente dizendo que este mal no Homem é permitido por Deus para salvaguardar um bem maior, a sua liberdade, ora positivamente com um discurso de tipo ético (tese de provação e castigo) ou cosmológico (tese do melhor dos mundos possíveis; tese da harmonia do conjunto, do todo que supõe a perda de particularidades; tese da impossibilidade de existirem dois perfeitos, Deus e o mundo).¹⁴ Claro que estes discursos não trouxeram resposta ao mal sofrido pelo Homem concreto, pois esta questão tem sido abordada de forma secular para responder filosoficamente às perguntas: Donde vem o mal?

¹² GESCHÉ — *O Mal*. P.46

¹³ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.32

¹⁴ Cf. GESCHÉ — *O Mal*. p.20

Porquê o mal? Como é possível o mal? E as respostas são insatisfatórias e inconclusivas porque não respondem às objecções do Homem comum, concreto quer seja crente ou não crente. Porquê?

A filosofia e a teodiceia clássica não tiveram em conta este Homem comum que sofre toda a crueldade do mal, que grita *a Deus (ad Deum)* ou *contra Deus (contra Deum)* à espera de ter uma resposta para o seu problema existencial que passa objectivamente por se ver livre deste mal que o afecta no seu corpo e na sua mente, na doença e na morte. Este grito do Homem concreto nunca foi acolhido. Deste modo tais discursos são mais uma procura em defender a existência de Deus (um Deus abstracto) e de retirar Deus são e salvo desta questão do mal afastando-O deste apuro, deixando sozinho o Homem sofredor na luta contra o mal.

Adolphe Gesché propõe uma teologia que responda a este grito do Homem concreto que sofre de um mal tantas vezes imerecido ao qual Deus não pode ser indiferente. É o grito de uma criança vítima de um cancro ou vítima da pedofilia, ou o grito de uma criança com fome em África ou em qualquer outra parte do mundo, é o grito daquele que acaba de ser vítima de um atentado terrorista, é o grito de uma mãe que acaba de receber a notícia de um cancro mortal e não sabe como falar aos seus filhos menores... Se o Deus dos filósofos, o Deus-em-si ou para-si, faz silêncio ao grito do Homem sofredor, é preciso buscar o Deus-para-nós, que é o Deus que se fez Cordeiro de Deus e desceu aos Infernos para fazer do mal a sua causa.

Portanto, é preciso passar a questão do mal por Deus, colocá-la em Deus (*In Deo*): «... a especificidade da teologia: seja qual for a questão, tomá-la, colocá-la em Deus, fazê-la atravessar pela palavra Deus como por uma «resistência» e ver o que acontece.»¹⁵ Inserido o grito do Homem concreto em Deus, este pode agora falar com Deus, questionar Deus, exprimir para Deus toda a repugnância pelo mal. Esta é a atitude do Homem comum, do ser humano sofredor, que não se detém no mal mas faz dele uma pergunta a Deus (*Ad Deum*), dirige-se a Deus num diálogo de sujeito para sujeito, num eu-tu abdicando da atitude daquele que se dirige a Deus em terceira pessoa (*Contra Deum* e o *Pro Deo*). É o que podemos constatar no Livro de Job: Job dirige-se a Deus em segunda pessoa (*Ad Deum*) e os seus amigos dirigem-se a Deus em terceira pessoa (*Pro Deo*). Neste diálogo do Homem com Deus quebra-se o silêncio que o mal tinha imposto ao Homem. O Homem descobre a alteridade, o Outro com quem pode questionar tudo e até reprovar. Esta alteridade é de tal forma que chega a apresentar-se sob a forma de adversário. Veja-se o combate misterioso de Jacob com Javé. Qual é o resultado deste confronto com Deus, nesta alteridade onde o mal é questionado? O Homem descobre que Deus assume ele mesmo o mal para o combater: «A resposta da Escritura é formal: este mal que surpreendeu toda a criação não pode suscitar qualquer compromisso; deve ser imediatamente

¹⁵ GESCHÉ — *O Mal*. P.24-25

combatido. E Deus apresenta-se imediatamente. Ou melhor talvez (trata-se sempre de uma formidável inversão), o Homem descobre que o combate que ele trava, visto ser o mesmo de Deus, trava-o com Deus, *cum Deo.*»¹⁶ Então o clamor, o grito deste Homem comum coincidirá com o clamor do Filho de Deus: «Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste» (Mc 15, 34b). «Após o grito terrível da cruz e a descida do seu enviado aos Infernos, Deus vai-se apresentar na Ressurreição, como o Adversário terrível e vencedor. Por conseguinte, não somente o grito do Homem é legítimo, não somente coincide com o próprio clamor de Deus, mas também permite a Deus manifestar-se como Ele é: aquele que, perante este enigma intolerável e incompreensível, não deixa – relativa indiferença – que as coisas continuem como estavam, mas Ele mesmo se confronta com elas. Descobre-se então que, no fundo, o Homem incriminava porque Deus também incriminava. Desta forma, a questão do Homem encontra uma outra questão, a divina»¹⁷ Resta concluir que o Homem comum viu o seu combate contra o mal a tornar-se um combate de Deus contra o mal. Então as questões que o Homem levantava relativamente ao mal: de onde vem o mal? Porquê o mal? Como é que o mal é possível, encontram resposta na única verdadeira questão: de onde vem a salvação? «Na salvação, encontramos finalmente a resposta para o mal. O mal ofende em primeiro lugar a Deus e Deus situa-se como o adversário. [...] Só um «Irracional» (a «loucura de Deus») pode enfrentar-se com um irracional.»¹⁸

Na verdade, as respostas que o Homem comum deseja ter não são de ordem teórica, mas prática. Já vimos como essas respostas têm que passar por Deus para enfrentarmos tal irracionalidade que é o mal. Devemos, então, seguir a metodologia do Homem comum olhando para a questão do mal como algo que tem de ser combatido e não explicado ou justificado. Então como pode a teologia expressar-se num discurso combativo do mal sem cair num discurso racional e justificativo do mal? Adolphe Gesché esclarece a questão:

«Ora a teologia – no seu fundo mais verdadeiro, mais verificável e mais verídico – ergue-se originariamente do Imaginário e do poder imenso deste em decifrar a realidade com recurso à representação e à invenção que recebe do mito e das narrativas fundadoras. O teólogo não deve ter vergonha – bem pelo contrário – de reconhecer este laço que o conserva, primitiva e constitutivamente, com a linguagem pré racional que é talvez o seu único direito e a sua única competência. O filósofo, na pessoa aqui de Ricoeur, não teve vergonha deste laço.»¹⁹

¹⁶ GESCHÉ — *O Mal*. P.33-34

¹⁷ GESCHÉ — *O Mal*. P. 34

¹⁸ GESCHÉ — *O Mal*. P. 37

¹⁹ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.18-19

2. O mal na narrativa das origens

Não podemos senão contar histórias acerca do mal. Adolphe Geschés convida-nos a fazer a leitura hermenêutica do livro do Génesis seguindo a narrativa das origens para compreender a realidade do mal não no sentido de a explicar etiologicamente mas como forma de interpretar o mal na sua originariedade.

Já vimos como os discursos racionais quando começam a falar do mal constataam a ausência da sua realidade de ser. Compreender e explicar o mal não entra nos conceitos de ser e a conclusão da maioria dos discursos racionais é de que o mal é um não ser, ou seja, é uma ausência de ser. E contudo o mal existe e torna-se visível em todo o Homem no seu físico, na sua mente e no seu espírito, ou seja, o Homem concreto é um ser que sofre as investidas de um mal que não sabe explicar.

Da análise da narrativa da criação dos primeiros capítulos do livro do Génesis constatamos que o Deus criador deste mundo faz o elogio da sua própria criação ao ver-se "surpreendido" pelo excesso de beleza e bondade que Ele próprio encontra no estado da criação: "Deus, vendo toda a sua obra, considerou-a muito boa!". Esta afirmação do narrador é o primeiro gesto vindo de um Deus "surpreendido" na sua própria criação bela e boa que o Génesis nos apresenta na primeira história da criação do mundo e do Homem: Gn 1,1-2, 4a. Nesta primeira história vemos que o homem e a criação vivem em plena harmonia e equilíbrio, com o mandamento de Deus dado ao Homem: "Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra." (Gn 1,28a). Não existe, portanto, nesta narração da criação qualquer sinal do mal. O mal não estava neste plano da criação. Vive-se a época da inocência. Da leitura hermenêutica deste texto podemos tirar uma primeira conclusão: o mal não foi criado, nem se quer é falado nesta narração, não foi previsto. Portanto, o mal não está em Deus nem no Homem! E, sob este ponto de vista, o mal é um irracional absoluto, *mysterium iniquitatis*, não tem qualquer sentido, não tem a ver com um desígnio, um projecto de Deus ou do Homem.

Uma segunda história é narrada a partir do capítulo 2 do Génesis dando-nos conta de como entrou o mal no mundo. É a narração do mito de Adão que conta o pecado das origens ou pecado original que se estende a outras histórias como a de Caim e Abel, o Dilúvio, a torre de Babel, a de Sodoma e Gomorra. Em todas estas histórias, Adolphe Gesché vê presente o tema da "surpresa" de Deus não só pela bondade e beleza da criação mas agora diante duma realidade nova, que não estava prevista e sobreveio ao mundo surpreendendo todos: a realidade do mal radical simbolizado na serpente-enigma. O tema da surpresa é central no desenvolvimento de todo o pensamento de Adolphe Gesché na abordagem da questão

enigmática do mal. Deus, homem e mulher as três personagens que nesta narrativa são surpreendidos pelo personagem enigmático, irracional, demoníaco que é a serpente-enigma.

2.1. Deus "surpreendido" pelo mal

A irracionalidade enigmática do mal não permite um discurso meramente racional. Por isso, para responder às questões mais profundas que o homem se põe como «porquê a morte? a vida? Porquê o amor? o casal? Porquê Deus? Porquê o trabalho? O conhecimento? Porquê o sofrimento e o castigo? O bem e o mal?»²⁰ a teologia recorre ao imaginário e conta histórias.

Nas várias narrativas expostas nos primeiros capítulos do Génesis podemos obter as respostas às perguntas mais profundas do homem acima referidas e compreender as histórias que explicam o pecado das origens. Esta realidade do mal altera os comportamentos das várias personagens destas histórias e Deus é "surpreendido" nestas cenas. Vejamos:

Deus "surpreende-se" no tempo existencial da criação, «ao percorrer o jardim pela brisa da tarde» (Gn 3, 8) vem ao encontro do homem que estava escondido e chama "surpreendido" por não o ver: «Onde estás?!» (Gn 3,9). Mas que aconteceu?! Diríamos nós. «Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, da árvore da qual te proibi comer?!» (Gn 3, 11) Também "surpreendido" com a mulher perguntou-lhe: «Porque fizeste isso?!» (Gn 3,13) Da mesma forma Deus mostra-se "surpreendido" com a serpente-enigma pois não esperaria este comportamento fora do seu plano criador: «Por teres feito isto, serás maldita...» (Gn 3, 14) O mal enigmático aqui representado pela serpente é um imprevisto para Deus, daí a "surpresa" de Deus que, "tomado de improviso" não fica impassível com o mal radical mas logo o amaldiçoa («serás maldita» Gn 3,14) e o combate («Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher...» Gn 3,15).

Quando Caim mata Abel, inaugurando o tema do mal-assassínio, Deus "surpreendido" aparece a Caim: «Onde está o teu irmão Abel?» (Gn 4, 9) «Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim.» (Gn 4,10).

Na narração do Dilúvio Deus aparece "surpreendido" com todos os pensamentos e desejos dos Homens que tendiam para o mal e «O Senhor arrependeu-se de ter criado o Homem sobre a terra, e o seu coração sofreu amargamente.» (Gn 6, 6).

No episódio da torre de Babel Deus desce "surpreendido" para ver o que os Homens estavam a construir: «O Senhor, porém, desceu, a fim de ver a cidade e a torre que os Homens estavam a edificar.» (Gn 11,5)

²⁰ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.23

Na narrativa de Sodoma e Gomorra Deus quer confirmar a sua "surpresa" no que está a acontecer: «O clamor de Sodoma e Gomorra é imenso e o seu pecado agrava-se extremamente. Vou descer a fim de ver se, na realidade, a conduta deles corresponde ao brado que chegou até mim. E se não for assim, sabê-lo-ei» (Gn 18, 20)

Toda esta "surpresa" de Deus quer antes de mais dizer-nos que «o surgimento do mal não deve ser procurado do lado de Deus. "Mas que se passa aqui?" Podemos familiarmente traduzir quando relemos os textos (o Génesis), que fazem pensar no surgimento inesperado de um duro golpe.»²¹ Mas este duro golpe com o aparecimento do mal não imobiliza Deus pelo seu carácter de surpresa mas move Deus a agir de pronto combatendo o mal e curando as vítimas do mesmo. «E no Novo Testamento Jesus também se surpreende diante do mal e, por se tratar para Ele de algo indefensável, indignar-se-á, como no episódio do cego de nascença, contra toda a tentativa de explicação.»²² «"Rabi, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?" Jesus respondeu: "Nem pecou ele, nem os seus pais, mas isto aconteceu para nele se manifestarem as obras de Deus".» (Jo, 9, 2-3)

Esta tese da "surpresa" de Deus diante do mal levanta algumas questões com que o próprio autor se confronta. Desde logo se questiona que um Deus "surpreendido" é um Deus que não conhece tudo e portanto não é onisciente ou presciente para poder prever o aparecimento do mal. Depois a surpresa de Deus perante o mal poderá dar razão ao dualismo do maniqueísmo, que defende dois princípios do bem e do mal que estiveram na origem do mundo como princípios substanciais e subsistentes em que o mal se confronta com Deus no mesmo nível criador.

Relativamente à segunda questão, Adolphe Gesché responde desta forma: «Esta dificuldade desaparece se se diz que o mal não é anterior ou contemporâneo de Deus mas que ele surgiu no seio da criação criado livremente como um dos imprevistos da liberdade.»²³ Admite desta forma que Deus criador de todas as coisas não previu o mal na sua própria criação e que este é um risco proveniente da própria natureza da liberdade que tem carácter de imprevisibilidade, o que a qualquer momento pode ser "surpreendente" para Deus. O mal surge na criação e não é anterior a Deus único criador. É rejeitado desta forma toda a espécie de dualismo.

A primeira questão da não onisciência ou presciência de Deus é mais difícil de fundamentar. O aparecimento do mal no mundo é de tal ordem escandaloso que só a afirmação de um Deus "surpreendido" pode explicar o seu aparecimento e a permissão da permanência deste na criação. «A Escritura quer dizer que o mal é de tal maneira escandaloso que ela diz que Deus foi surpreendido. A teologia e a filosofia falam da permissão do mal. A Bíblia não

²¹ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.49

²² GESCHÉ — *O Mal*. P. 48

²³ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.51

formula esta odiosa hipótese». «A ideia forjada pela teodiceia que Deus permite o mal é uma solução racionalista, mas que não faz grande honra a Deus, ao Deus sofredor, ultrajado pelo mal.»²⁴ Falar de imediato num Deus que tudo conhece, que conhece o escândalo que é o próprio mal e permite a sua existência e acção na criação é admitir um Deus distante e indiferente ao Homem e ao sofrimento de toda a criação. Por isso, Adolphe Gesché prefere um Deus "surpreendido" pelo mal. «Esta ideia, que me faz amar a Deus, torna-O próximo de mim. É a única maneira de não ser ateu.»²⁵ Por outro lado «Um Deus surpreendido pelo mal é talvez um Deus ingénuo, mas ao menos não é este Deus inqualificável que permite o mal».²⁶ Esta foi uma questão que fez o autor ponderar diversas afirmações, algumas até contraditórias, mas sendo a sua preocupação em apresentar a enorme irracionalidade do mal na criação e o seu carácter tão escandaloso, bem como a sua determinante vontade em o ver de imediato combatido e vencido que admite a hipótese de Deus não ser onisciente para afirmar um Deus "surpreendido" pelo mal e adversário no seu combate imediato. Por isso justifica desta forma a não presciência de Deus: «Deus criou o imprevisível. Que é por natureza (não por causa da nossa natureza frágil). Então, Ele não pode conhecer tudo com antecedência. O que permite compreender que criando o homem imprevisível na sua liberdade, Ele foi «surpreendido» pelo mal. Estas realidades imprevisíveis não seriam mais deste modo se Deus as conhecesse com antecedência. E Deus não mais seria o que é, nem criador como é (de coisas imprevisíveis). E nós não seríamos mais o que somos (eu entrego o meu bilhete identidade se Deus sabe antecipadamente o que eu vou fazer). Deus não criou as coisas imperfeitas. Ele criou as coisas livres.»²⁷ Deus é como um pai humano que gerou para a liberdade os seus filhos e se senta à mesa todos os dias e espera a chegada dos seus filhos. Não faz previsões. A natureza da liberdade não permite previsões. Qual pai que conhece o seu filho não ficará surpreendido se um dia ele regressar a casa para comer e pernoitar com um desconhecido? É assim o nosso Deus-Pai que se "surpreende" ... Deus ao criar os Homens livres sabia que corria o risco do imprevisível: senta-se à mesa e fica à espera... No pensamento de Adolphe Gesché está o Deus da existência humana concreta e livre, o Deus próximo do Homem que sofre e é vulnerável ao mal para manter a sua natureza de criador de seres livres e por isso imprevisíveis. A filosofia e a teologia foram explicando e justificando o mal através da doutrina da permissão do mal. «A Bíblia não formula esta odiosa hipótese»²⁸ na narração das origens. Para o autor, a Bíblia como livro religioso, sagrado e portanto "inspirado" não tem receio de falar deste Deus "surpreendido" pelo mal e, portanto, não onisciente.

²⁴ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.53

²⁵ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.52

²⁶ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.49

²⁷ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.52

²⁸ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.53

Será que a resposta ao "unde malum" se dará algum dia? Não continuará a ser um enigma absoluto? Para responder a esta questão e esclarecendo a sua posição final relativamente à questão do Deus "surpreendido" e da permissão do mal é melhor ouvir o autor:

«A questão da relação de Deus com este aparecimento do mal também não fica totalmente esclarecida aqui. Neste sentido – e na condição de ser bem apresentada como respeito pela nossa liberdade - a teoria da permissão do mal não é falsa e tem o seu lugar. Ela é, simplesmente, demasiado brusca e, por vezes, demasiado definitiva. É neste sentido que o tema da surpresa tem o valor de correcção de uma trajectória. Mas é também inadequado. No fundo seria preciso prescindir dos dois. Não creio, finalmente, que a questão da posição de Deus perante o aparecimento do mal tenha ficado marginalizada. Pelo contrário, penso que podemos retomá-la começando de novo, mas depois de ter aceiteado este "desvio", mais patético e menos distante – mais teológico -, pelo escândalo do mal. Pensar na questão da oposição de Deus ao mal antes da questão da permissão, e não ao contrário.»²⁹

«Há só uma maneira de defender Deus a propósito do mal que é dizer que ele foi surpreendido. E que Ele não é todo-poderoso da maneira como nós acreditamos ("Ele pode tudo evitar", etc.), mas à verdadeira maneira: as coisas acontecem contra a sua vontade, mas Ele as combaterá.»³⁰ Ou seja, Deus é vulnerável ao mal, apesar de ser onipotente, pois sendo amor na criação do mundo e do Homem é o primeiro a ser atingido pelo mal ao preservar a liberdade da criação.

É bom voltar à fonte da Teologia que é a Bíblia. Atrevo-me aqui a juntar ao pensamento de Adolphe Gesché a explicação que Jesus dá aos seus discípulos da parábola do trigo e do joio que antes contara a toda a multidão do povo. Rerler toda a passagem (Mt 13,24-43) permite-nos compreender que quando Deus semeia a liberdade fica condicionada a sua onipotência por esta semente livre e no campo da liberdade não pode evitar que nasça também o joio ainda que "surpreendido" ordene prudência aos seus anjos no combate do mal para que nenhum filho da liberdade se possa perder! Quem ama intensamente não pode pensar nem prever o mal porque nesse que ama só há amor. Por isso, pode na verdade sentir-se "surpreendido" porque o mal é um escândalo no seio do amor. Esta surpresa é semelhante àquela que nos é apresentada na passagem do juízo definitivo em Mateus 15,31-46. Os justos ficam surpreendidos pelo bem que fizeram sem saber pois ignoravam: «Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? E quando te vimos doente ou na prisão e fomos visitar-te?» (Mt 25,37-39) Quando o amor é tudo na vida de um ser, este é inocente do bem e deixa-se surpreender pelo bom, belo e verdadeiro e evidentemente é também

²⁹ GESCHÉ — *O Mal*. P.38

³⁰ GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P.49

inocente do mal. Por isso pode ser surpreendido pelo mal que é escândalo para o bom, belo e verdadeiro.

2.2. A surpresa do Homem diante do mal

«Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente morrerás» (Gn 2,16b-17). Deus criador do Homem livre define a ordem divina onde o Homem se deve mover: espaço de liberdade mas de responsabilidade. E a narração continua com Deus a partilhar esta ordem divina com toda a humanidade ao querer que o homem viva esta mesma liberdade e responsabilidade com a mulher num estado de relação e comunhão mútua. Até aqui a narração se passa em ambiente de harmonia, comunhão e verdade. Eis que, mudando de cena, irrompe a narração com uma "contra ordem divina": «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim? [...] Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal.» (Gn 3, 1b, 4b-5) Mas que personagem é esta que aparece sem o homem ou mulher a ter solicitado (e muito menos Deus) com uma ordem contrária à de Deus, com um aspecto selvagem, mas muito astuto que o narrador ingenuamente lhe atribui o nome de serpente e que começa imediatamente a falar com a mulher? É nesta personagem-enigma que o narrador põe a origem do mal. É donde parte uma ordem (desordem) para contrariar a ordem divina e desviar o Homem da sua finalização em Deus. O mal vem assim dum desconhecido, que aparece não se sabe de onde, que não pertence ao desígnio da criação e portanto, não se pode buscar no Homem ou em Deus a responsabilidade do seu aparecimento.

«O mal – sempre representado pela figura enigmática da serpente que surge de repente vinda não se sabe de onde, inserindo-se num plano em que não era prevista – toma o homem de surpresa, como um inimigo. "Ora a serpente...": a palavra hebraica traduzida em português por esta conjunção exprime a intensidade de um imprevisto: toda a gente ficou surpreendida. É verdade que o Homem consente nele [...] mas o mal precede-o. E precede-o enigmaticamente (surpresa) e irracionalmente (vindo não se sabe de onde, fora de todo o plano). O Homem foi surpreendido. O mal, aqui também, não entra em nenhuma lógica, expectativa ou desejo do Homem (tema da astúcia e da tentação). Ele é o Adversário.»³¹

Esta figura enigmática da serpente que o Apocalipse chama «o grande Dragão, a Serpente antiga – a que chamam também Diabo e Satanás – o sedutor de toda a humanidade» (Ap 12, 9a) aparece ao casal do Éden com toda a sua astúcia num momento imprevisto, enigmático e seduz o mesmo casal a consentir numa nova ordem (desordem) que não estava

³¹ GESCHÉ — *O Mal*. P.48-49

nos seus desejos ou expectativas. Por isso mesmo ele é o inimigo, o adversário que precede o homem e a mulher, que vem de fora não se sabe de onde, entra no mundo e nunca foi procurado pelo Homem. Isto é importante ter em conta antes de iniciarmos a atribuição de qualquer culpabilidade ao Homem: o Homem não procurou o mal, este veio ao seu encontro.

A primeira atitude do teólogo é reconhecer que o mal é uma **surpresa** para toda a gente incluindo Deus: o mal não estava previsto na ideia, no plano da criação e por isso está fora de toda a racionalidade. Ele é um irracional pois nada tem a ver com um desígnio que se tinha em vista. «Compreender e explicar é muitas vezes recusar a provação da surpresa».³² Deus não previu o mal. O Homem é surpreendido por algo irracional que não compreende, não sabe explicar nem tão pouco justificar: «O homem respondeu: "Foi a mulher..." A mulher respondeu: "A serpente enganou-me e eu comi." (Gn 3,12a,13b)

A segunda atitude do teólogo é o reconhecimento da existência do mal. O mal existe e constata-o a narrativa a seguir à criação. O mal vem de fora deste mundo. Não se sabe de onde, mas pela narrativa, ele precede o homem numa forma inesperada, enigmática.

2.3. Consequências da surpresa do mal

A surpresa do mal na criação e o seu carácter irracional leva Adolphe Gesché a tirar algumas lições:

Em primeiro lugar «que o problema do mal neste nível primeiro e radical, não é o de uma culpabilidade (excepto a da serpente), nem mesmo, por agora, o de uma responsabilidade, mas o de um acidente. [...] A questão do mal não se põe ou percebe em termos de responsabilidade, mas de acidente e desgraça.»³³; o mal aparece ao Homem como um acidente, como um infortúnio, como algo que vem de fora e não pertence à sua essência. Se o Homem fosse a origem do mal, este já não apareceria como irracional e a combater pois estaria na constituição intrínseca do Homem. Daí que «a primeira reacção é certamente a de tentar dominá-lo. Paradoxalmente – é bom que nos demos conta disto – a desculpabilização (em primeiro grau) liberta os intervenientes para o combate. Isto significa que a negação de proto-culpabilidade – o «des-não» (denunciar; dizer que isto não é; dizer não) e o «desnome» (desnomear; não me nomear culpado; isto não sou eu; não é o meu nome que está em causa nisto) – conduz muito mais a uma responsabilidade activa.»³⁴ Este é um aspecto muito importante para o Homem na medida que o liberta logo à partida de carregar uma culpabilidade que o impediria de lutar contra um mal que vem de fora e é também já o anúncio de uma salvação pois o considera primeiro vítima e não culpado.

³² GESCHÉ — *O Mal*. P. 51

³³ GESCHÉ — *O Mal*. P.49

³⁴ GESCHÉ — *O Mal*. P.50

Em segundo lugar «é a de chamar o mal pelo seu verdadeiro nome, ou seja como irracional»³⁵ (visto não entrar em qualquer discurso racional) e como demoníaco, assim chamado em teologia, a culpabilidade reconhecida no seu lugar, o lugar do Maligno; «Efectivamente, agora há um culpado que tem um nome: o Demónio. O mal que em termos filosóficos se chamava uma irracionalidade é chamado aqui, em termos teológicos, o demoníaco. [...] Este, qualificado de demoníaco, está imediatamente marcado como o injustificável absoluto, radical, sem piedade: um excesso»³⁶ «[...] uma ordem da desordem. O mal tem este carácter metafísico (e não simplesmente moral ou estético) de tocar no destino: ele des-orienta o Homem precisamente da sua finalidade. Ele desfina-o, pois tenta (em todos os sentidos da palavra) orientá-lo pela surpresa para uma ordem que não é a do seu destino divino.»³⁷ Mais uma vez o carácter de surpresa do mal faz-nos ficar no silêncio. Nada há a explicar de algo que não entra na nossa racionalidade. Nada há a compreender de algo que é enigma e por isso Gesché lhe chama demoníaco querendo designar o lugar de um enigma, o enigma da iniquidade. Deste modo a culpabilidade é posta no seu devido lugar: o demoníaco. A culpabilidade é reconhecida mas não faz parte do ser do Homem, o Homem não é mau. A culpabilidade é posta no lugar que é o seu: o lugar do Maligno. O mal não é deste mundo, mas entrou nele vindo de fora.

Em terceiro lugar, a prioridade da vítima: a entrada do mal infortúnio, irracional, demoníaco na criação é um acidente que faz do Homem vítima mesmo antes de qualquer culpabilidade; O homem e a mulher do jardim no Éden é vítima do mal pela tentação e sedução. A serpente-enigma, o irracional, o demoníaco, o tentador e sedutor é condenado logo de imediato por Deus: «Por teres feito isto, serás maldita...(Gn 4, 14b) Ao homem e à mulher, vítimas da tentação e sedução, Deus protegeu-os e teve para com eles o primeiro acto de misericórdia que restabelece a sua dignidade: «O Senhor Deus fez a Adão e à sua mulher túnicas de peles e vestiu-os» (Gn 3,21). Jesus assumiu a prioridade da vítima em vários episódios que nos relatam o Novo Testamento: a preocupação com a mulher adúltera foi em perdoá-la e vê-la salva do seu mal antes de a culpar e castigar como desejaram os judeus; do mesmo modo quando curou o cego de nascença não mostrou a mínima preocupação em saber quem foi o culpado da sua cegueira, mas a prioridade foi atender a vítima, o cego, e curá-lo; mesmo sobre a cruz, carregando todo o peso do mal do mundo pediu ao Pai que os culpados do seu sofrimento fossem perdoados e salvos. A prioridade é a vítima e a sua salvação: basta analisar profundamente a passagem do bom samaritano para percebermos que a vítima assaltada, ferida e caída na estrada foi a atenção primeira dada pelo samaritano que passava e lhe dedicou os primeiros socorros levando-o a ser tratado na hospedaria. Nesta parábola, Jesus

³⁵ GESCHÉ — *O Mal*. P.51

³⁶ GESCHÉ — *O Mal*. P.53

³⁷ GESCHÉ — *O Mal*. P.54

não se preocupou em mencionar quem foram os assaltantes da vítima, os culpados, mas mostrar a prioridade da cura e salvação da vítima. A responsabilidade é para aquele que está próximo. É urgente curar as chagas em primeiro lugar, dar todo o apoio e acolhimento à vítima e fazer as reformas necessárias para eliminar o irracional do seu lugar.

Em quarto lugar «o tema da surpresa do mal esclarece-nos sobre o pecado do Homem, [...] a entrada do Homem no mal foi apenas um consentimento»³⁸ que revela a fragilidade humana. É o tema da tentação que nos permite classificar a proto-culpabilidade na serpente e a deutero-culpabilidade no Homem que foi surpreendido primeiramente e se tornou vítima ao ter consentido na tentação e sedução do mal, ao aceitar que esta «ordem» demoníaca substituísse a ordem divina. «É isso mesmo o pecado: não o mal mas o consentimento no mal. E é esta também a única (e, com certeza, suficientemente trágica) culpabilidade do Homem. O pecado «não é senão» pecado, se é que assim podemos falar. Primeiro, pela razão que acabamos de expor e que se situa de qualquer modo a montante de si mesmo. Depois, porque, a jusante, o pecado pode ser perdoado, enquanto o mal não tem remissão.»³⁹ Ligado ao tema da tentação está a fragilidade humana. O pecado manifesta-se não fruto de uma depravação mas duma fragilidade. A razão está na surpresa do mal, no carácter accidental do pecado, na vulnerabilidade do Homem ao que vem de fora e finalmente na sedução habilidosa do demoníaco ao apresentar o mal disfarçado de bem. «Não se trata, uma vez mais, de minimizar as coisas. Mas é este precisamente o ponto de vista mais exacto: a maldade do mal é mais visível nas suas consequências e objectividades desastrosas do que na sua subjectividade inicial. Esta está afectada – é preciso dizê-lo sem rodeios e com a coragem da verdade – por uma indiscutível fragilidade, quase infantil, diante da miragem do mal disfarçado de bem».⁴⁰ Pode parecer que esta explicação do pecado pela tentação seja demasiado fraca e pobre, refere Gesché, mas a verdade é que o pecado e a culpabilidade não são as primeiras coisas a ser consideradas no drama do mal porquanto na narrativa o mal radical-serpente-enigma-demoníaco está diante de Eva e não dentro dela. Por isso se deve pôr o mal primeiro e radical no *seu* lugar próprio, terrível e implacável: o demoníaco. Claro que esta explicação atenua e suaviza a gravidade do pecado original mas, sem tornar o Homem isento de qualquer culpabilidade ou responsabilidade, quer sobretudo libertar o homem duma culpabilidade excessiva e redutora ao indivíduo, ao subjectivo. Liberto desta excessiva culpabilidade que a teologia ocidental prendeu o Homem ao longo do tempo reduzindo o mal a culpabilidade e castigo, pode deste modo o mal ser combatido pelo Homem pois aquele aparece como o adversário de cuja capacidade sedutora já estamos prevenidos. «De facto, o tema da sedução diz muito claramente que o mal lesa a boa vontade do Homem. Pela tentação eu

³⁸ GESCHÉ — *O Mal*. P.56

³⁹ GESCHÉ — *O Mal*. P.57

⁴⁰ GESCHÉ — *O Mal*. P.58

torno-me uma vítima e sinto-me afectado no exercício da minha liberdade. A todo o momento, *a partir daí*, eu corro o risco de sair da órbita, de perder a orientação dos meus fins. Mais uma vez se insiste mais no mal da vítima do que no do culpado, mas alguém levará isso a mal?»⁴¹ Tal explicação poderá revelar-se na nossa mentalidade ocidental demasiado branda e tolerante para com o culpado, ao basear a explicação do mal na tentação e sedução. Isso poderia levar a desculpar e tolerar todo o tipo de crimes e opressão daqueles que fazem os outros passar fome? Não, de maneira nenhuma! É preciso denunciar e combater todos estes tipos de males. Mas o que aqui se quer chamar à atenção é que aquele que se deixa seduzir na tentação torna-se, ele próprio, vítima do mal e fica muito debilitado no exercício da sua liberdade fazendo outras vítimas com os seus actos. É necessário que haja uma justa condenação do culpado tendo mesmo que ser retirado para uma prisão no sentido de lhe dar um correctivo e o afastar da ocasião da tentação. «Mas na visão cristã o homem culpado não é um culpado em absoluto. Ele obedeceu a qualquer coisa. Ou seja, o culpado – e aqui estaria a especificidade cristã – deve ser tratado de uma outra forma, e não só com acusações (apesar de estas terem o seu lugar) [...] O tema da sedução indica-nos que todo o culpado é vítima de solicitações, de tendências hereditárias, do peso de condicionamentos sociais e psíquicos que devemos ter em conta e das quais é preciso libertá-lo a ele próprio. Mesmo que para isso seja necessário afastá-lo da ocasião dos seus crimes, da ocasião do mal.»⁴² Veremos no capítulo III desta dissertação que uma das formas de combater o mal é a libertação do Homem de uma culpabilidade psíquica que este carrega em muitos casos na concepção, ou na infância, ou já integrado no mundo social e profissional. Esta culpabilidade converteu-se tantas vezes num culpabilismo mórbido fruto de recalcamientos psíquicos. Considerar todo o culpado também uma vítima, correr-se-á o risco de minimizar a culpa de quem comete grandes atrocidades que a todos revolta. Mas não podemos deixar de correr este risco para denunciar os culpados e apontar o primeiro responsável pelo mal: o Demónio, o enigma-serpente, algo que vem de fora do Homem. «Que é, então, a tentação demoníaca? Retomemos o paradigma inesgotável do Génesis. Que faz a serpente? Incute em Eva um desejo que não é o seu. É essa precisamente a malícia do mal, da tentação: em vez de permitir que alguém se construa e se estructure a partir dos seus próprios desejos (o que já não é nada fácil), o sedutor é aquele que aliena o outro desapropriando-o (de si mesmo) para introduzir nele um desejo estranho.»⁴³

⁴¹ GESCHÉ — *O Mal*. P.59

⁴² GESCHÉ — *O Mal*. P.60

⁴³ GESCHÉ — *O Mal*. P.61

CAPÍTULO II

O mal como infortúnio

Já vimos no capítulo anterior pela análise hermenêutica da narrativa das origens que o primeiro gesto teológico é reconhecer que o mal é uma surpresa para toda a gente incluindo Deus: o mal não estava previsto no plano da criação. E constatamos que o segundo gesto teológico é reconhecer a existência do mal, que vem de fora deste mundo, que precede o Homem, que é um mal objectivo e que atinge o ser humano de uma forma imerecida como mal infortúnio. Vamos abordar este tema de forma mais sistemática.

1. O mal desgraça ou infortúnio

A figura enigmática da serpente que o livro do Génesis nos apresenta não é um simples animal da criação que ali aparece. O seu carácter atraente, sedutor, astucioso, misterioso e fora do comum da animalidade visto que é apresentado com linguagem humana permite perceber que é algo que vem de fora do plano da criação mas que é objectivo e não uma visão subjectiva do Homem. Claro que se logo do início o mal fosse algo subjectivo, imanente ao sujeito humano, ele não seria irracional e imobilizava o Homem para o combater. O seu carácter de exterioridade apresenta-se assim ao Homem como um inimigo de que não se estava à espera e deste modo se é atingido pela sua maldade. O Homem torna-se vítima numa primeira fase deste mal objectivo, enigmático. E os ferimentos na natureza humana são graves ao ponto de desviarem a trajectória do Homem para Deus. Está em causa o destino do Homem que sai da rota de Deus e entra noutra ordem que é de perdição. Não se trata pois de um mal moral, subjectivo que para fazer retomar a trajectória para Deus bastaria ao Homem arrepender-se, praticar a ascese e a virtude. Mas o facto de o Homem ter sido afectado por este mal radical vindo de fora da criação, mal desgraça ou infortúnio, mal imerecido, é necessário uma intervenção ao nível da natureza humana vinda de fora, vinda de Deus. Portanto, o mal não vem de dentro do Homem (mal moral) na sua fase originária. Vem de fora do Homem, dum desconhecido. Ele sobrevém ao Homem como um acidente, uma catástrofe e afecta-o objectivamente em todas as suas dimensões. A natureza humana é vítima deste mal infortúnio. Por isso, deve ser atribuída desde logo a culpabilidade do mal não ao Homem mas a esta figura serpente-enigma que representa o agente do mal infortúnio. O aparecimento desta personagem no mito das origens quer dizer que o Homem não é o responsável do mal nem o seu inventor. Adolphe Gesché recorre ao jogo de palavras a partir da palavra demónio, em francês *démon*, para ver desmentida a culpabilidade do Homem como proto-culpabilidade e

desta forma sentir-se requisitado e disponível para combater o mal. Faz uma tripla denúncia: *dé-non* quer dizer, não, eu não sou um pecador de forma intrínseca; *dé-nom*, ou seja, desnomear, não sou o primeiro culpado, não é o meu nome que está em causa, mas o de outro; *dé-mon*: não foi o meu ser profundo que fez isso.

Contudo, o tema da surpresa do mal infortúnio, exterior ao Homem, esclarece-nos também o aspecto do pecado do Homem: a entrada do Homem no mundo do mal não foi senão um consentimento, um gesto segundo resultante de uma tentação e sedução. Adolphe Gesché considera Eva a primeira teóloga do mundo a colocar o mal no seu devido lugar: não fui eu, não fomos nós, foi a serpente; sim, nós consentimos a algo que não veio de nós como se fôssemos intrinsecamente perversos, nós somos vulneráveis e frágeis.

A constatação do autor na narrativa das origens de dois males que estiveram presentes no jardim no Éden, o mal infortúnio e o mal moral, abre a teologia a uma nova visão da culpabilidade e responsabilidade na questão do mal e do pecado.

Segundo Adolphe Gesché, durante séculos até à modernidade, prevaleceu no cristianismo ocidental a ideia de que toda a culpa do mal no mundo é proveniente do sujeito humano que pratica activa, consciente e voluntariamente acções que começam no seu coração já intencionalmente más, se tornam prejudiciais aos outros e lesam o próprio sujeito que as pratica. É o chamado mal de culpa, mal querido, cometido e activo que dadas as consequências torna-se depois num mal de pena ou castigo para o sujeito e para a sociedade. Esta é uma corrente que o autor chama de "paulina" ou agostiniana" que acentua a culpabilidade e responsabilidade exclusivamente no sujeito humano contraposto à corrente "lucana" que é apresentada no evangelho de S. Lucas e que já vinha do Antigo Testamento no livro de Job, cuja prioridade é a vítima que sofre um mal imerecido, mal objectivo que vem de fora da pessoa. É sobretudo a partir de Santo Agostinho que o ocidente cristão teve consciência deste mal imerecido, do mal que "cai em cima" do inocente, do mal que vem de fora sob a forma de mal infortúnio. São as doenças físicas, as pestes, a fome, as guerras, terremotos, etc, que o ocidente vê como castigos dos males cometidos individualmente ou colectivamente pelos homens. É desviada assim a atenção do mal infortúnio com a focalização no mal de culpa que pressupõe a ideia de castigo. Santo Agostinho fez bem a distinção do "malum culpae" como o mal do sujeito culpado, do "malum poenae" ou seja o mal que "cai em cima" do sujeito. A compreensão do enigma do mal infortúnio provinha da explicação do mal culpa. Assim, todo o mal que não tinha a sua origem imediata na culpa deste sujeito era diferido e reportado a uma culpabilidade anterior, castigada no presente. Deste modo tudo ou quase tudo que era apelidado de mal infortúnio era considerado um mal de pena, um castigo "razoável" e mesmo precisamente um castigo divino. Ocultou-se assim o mal do inocente e o

mal imerecido passou a ser considerado o mal de pena como sanção de uma falta visível ou invisível.

Que levou ao silenciamento deste mal infortúnio, mal imerecido até aos nossos dias? Entre outras razões Adolphe Gesché apresenta uma que condicionou todo o pensamento teológico no ocidente: a preocupação de Santo Agostinho em lutar contra o maniqueísmo, contra todo o fatalismo. O maniqueísmo na sua doutrina era muito sensível ao mal objectivo, o mal exterior ao Homem, e considerava este mal como um princípio substancial, como uma coisa em si mesma, que instaurava um mundo determinista a que o Homem não podia fugir nem tinha capacidade para combater este mal. É o fatalismo onde a liberdade do Homem não tem lugar. Santo «Agostinho prefere um Homem responsável, *até mesmo culpado*, a um Homem que seria fatalizado, imobilizado diante do destino.»⁴⁴ É esta a grandeza de Santo Agostinho o de apresentar o Homem com vantagem sobre o mal, contra todas as resignações estóicas. Contudo, esta sua grandeza teve como factura a pagar o silenciamento do mal inocente, do mal sob o aspecto de mal-infortúnio. A preocupação em apresentar o Homem livre de toda a fatalidade conduziu à redução de toda a culpabilidade e responsabilidade ao sujeito humano. Portanto, este mal infortúnio nesta concepção agostiniana não podia ser o mal como um princípio substancial a que não se podia fazer oposição, pois continuava a ser um mal de intenção, portanto moral, e como tal podia ser evitado, na culpa ou no castigo, sempre se o quiséssemos e o merecêssemos. Tendo tido a vantagem de se opor ao maniqueísmo e de afirmar a liberdade do sujeito humano, esta visão redutora encerra toda a problemática da culpabilidade e responsabilidade no mal de culpa e no mal de castigo, anulando a legitimidade da luta contra este mal desgraça pois se se atribui a um castigo divino deve ser respeitada a vontade de Deus.

2. O mal nas teologias da libertação

Deve-se às teologias da libertação o mérito de ter em conta este mal desgraça ou infortúnio no seu discurso teológico e de o ter integrado juntamente com o mal de pecado e de culpabilidade pessoal na teologia da salvação. A redenção vem para o mal moral e para o mal infortúnio. Não quer isto dizer, como atrás se viu, que o cristianismo ocidental não tenha conhecido e lutado contra este mal infortúnio. As obras caritativas de séculos de cristianismo testemunham o reconhecimento deste mal objectivo. Contudo, as teologias da libertação reintroduzem este tipo de mal na reflexão cristã, num tempo em que a modernidade se escandaliza diariamente com as notícias que chegam das várias partes do planeta com as

⁴⁴ GESCHÉ — *O Mal*. P.123

desgraças da fome, das guerras, das catástrofes naturais, das injustiças sociais... O mal infortúnio mostrado ao mundo nas suas consequências assume hoje uma importância crucial na sensibilidade da humanidade. As pessoas revoltam-se contra este mal infortúnio e parecem aceitar pacificamente, quase "razoavelmente", o mal culpado, o mal moral pois sendo um mal subjectivo vem do querer do indivíduo e como tal este deve assumir as consequências da sua culpa.

3. Des-moralização do mal

Segundo o autor, é preciso fazer a des-moralização da questão do mal.⁴⁵ Não se trata aqui acabar com o mal moral, o mal subjectivo ou atenuar a sua gravidade. Trata-se antes de acentuar que o problema do mal não deve ser tratado primeiro e exclusivamente como um problema moral que tem em conta o mal como subjectividade, culpabilidade, consciência, intenções subjectivas, mas primariamente como mal infortúnio, objectivo, como uma questão de destino. Não devemos moralizar demasiado depressa nem absolutamente o mal. Contudo, a moralização do problema do mal teve aspectos positivos nomeadamente o de desfatalizar e o de dessubstancializar o mal. O mal visto como pecado atribuído a um indivíduo livre e responsável deixa de aparecer como uma fatalidade como o viam os gregos: «Falando do mal em termos de culpabilidade, a tradição ocidental desfatalizou a história do homem e autorizou a luta contra o mal. O discurso agostiniano é um discurso sobre a forma de dominar o mal; se o homem é culpado é porque não é uma vítima impotente. O mal está confiado à sua responsabilidade e à sua liberdade. [...] A censura da culpabilidade ("tu fizeste mal") não tem efectivamente sentido se não pressupõe a responsabilidade ("tu podias e tu podes fazer de outra maneira")».⁴⁶ Por outro lado, a moralização da questão do mal teve aspectos negativos que ainda hoje se vivem na comunidade cristã: moralismo de culpabilidade, moralismo de culpabilização e moralismo de justificação. O moralismo de culpabilidade é a atribuição de toda a culpabilidade ao mal moral. Já vimos que a primeira culpabilidade nas origens está no mal radical. O mal não está só na intenção, no sujeito; está fora e independentemente da intenção do sujeito e pode produzir efeitos nefastos e condenáveis. Por isso nem sempre a responsabilidade anda ligada com a culpabilidade. Quanto menos culpável se é pelo mal mais responsável se torna aquele que está diante do mal para o combater. A parábola do bom samaritano nos mostra que o responsável foi aquele que se fez próximo da vítima e não o culpado que não sabemos quem é. Mas se nos preocupamos apenas em encontrar o culpado e esquecemos a vítima corremos este risco de uma culpabilização excessiva que leva ao culpabilismo sem parar de nos acusarmos a nós

⁴⁵ Cf. GESCHÉ — *O Mal*. P.63

⁴⁶ GESCHÉ — *O Mal*. P.64

mesmos e aos outros. A vítima morre sem assistência em nome de um culpabilismo ou um justicialismo. O ocidente cristão viveu este drama até aos nossos dias por via da moralização da questão do mal que levou também a um moralismo de justificação. Embora tivesse em conta a existência de um mal objectivo nunca o considerou como mal infortúnio mas como um mal castigo consequência do mal culpa atribuído ao sujeito ou aos seus antepassados. Desta maneira corre-se o risco de ver justificado o mal infortúnio que cai sobre um inocente. Comete-se um injustiça com as vítimas inocentes como é digno exemplo o caso de Job com o seu grito de revolta. Não pode ser verdade que todo o mal infortúnio seja um castigo devido e merecido. A ser verdade a justificação do mal conduzir-nos-ia a considerar esse mal infortúnio como um bem para corrigir e salvar o sujeito.

Em conclusão, devemos dizer que a desmoralização da questão do mal não elimina a culpabilidade mas apenas deve poder situar a culpabilidade no seu lugar próprio, ou seja: - a culpabilidade do homem não é primeira mas segunda em relação a uma perversão mais radical; - estaremos mais disponíveis e armados para lutar contra esta perversão radical se não estivermos obsesionados com o nosso próprio eu; - o verdadeiro lugar do combate ao mal é na ajuda à vítima e à nova responsabilidade, a do próximo, do samaritano; - estamos assim atentos ao desvio do nosso destino que representa este mal radical.⁴⁷

4. Re-dogmatização do mal

Como consequência do que acabamos de falar impõe-se uma re-dogmatização do mistério do mal.⁴⁸ O tema do pecado e o drama do mal não podem ser tratados apenas como problemas de consciência moral. «Realmente, ao falar do pecado como de uma ofensa feita a Deus, a própria tradição mostrava que guardara bem na memória que o que estava em causa era, nada mais, nada menos, o destino do homem e o seu sentido teologal. [...] A ofensa a Deus não está tanto em atentar contra os seus direitos mas mais em atentar contra o nosso destino».⁴⁹ Por isso é preciso trazer Deus a esta questão e fazê-lo ocupar o seu verdadeiro lugar: o protagonista no drama do mal, Aquele que se manifesta como adversário radical do mal. É uma nova deslocação: «de Deus "surpreendido" para o Deus que desce»⁵⁰ ao mal para o combater. O Deus que não tem nada a ver com o mal, sem qualquer cumplicidade com o mal e sem explicação diante do mal que se mobiliza não para castigar o Homem pelo ultraje, mas movido na sua misericórdia em defender e salvar o Homem da injúria que o Adversário cometeu contra o Homem. «A exegese patrística e a iconografia medieval não hesitavam em ver no Filho de Deus o samaritano da parábola.

⁴⁷ Cf. GESCHÉ — *O Mal*. P.69

⁴⁸ Cf. GESCHÉ — *O Mal*. P.70

⁴⁹ GESCHÉ — *O Mal*. P.70

⁵⁰ GESCHÉ — *O Mal*. P.77

Acertaram na sua visão. Aquele que não tem absolutamente qualquer responsabilidade assume-a plenamente»⁵¹

5. Adversário do Homem: o Demónio

Nesta re-dogmatização do problema do mal é importante ter em conta a figura do Demónio.⁵² Esta figura é indispensável para se pensar o mal radical. Sendo o mal um irracional, tudo o que se possa dizer acerca dele estará marcado por esta irracionalidade: o que supõe que de todas as considerações acerca dele, esta da sua irracionalidade é a menos irracional pois ela o habita. «Esta figura demoníaca supõe efectivamente que não é possível nem pensável – eu ia a dizer: honesto – fazer repousar sobre o Homem toda a culpabilidade radical. É ao tentador que Jesus se refere quando diz que é preciso pôr-lhe uma pedra ao pescoço, enquanto sustem o gesto dos que queriam apedrejar a mulher adúltera. [...] A figura demoníaca constitui este limite, esta fronteira que permite designar o infranqueável: o-que-não-é-Deus e o-que-não-é-o-homem».⁵³ É preciso que o Ocidente não perca esta figura demoníaca para que não afaste da memória o que é ameaçador para o Homem no seu destino. O que verificamos muito grave no pecado das origens é ter desviado o Homem da sua missão para Deus, do seu destino para Deus. O mesmo fez o demónio ao tentar desviar Jesus da missão recebida do Pai. (cf. Mt 4,1-11) Quando a fé cristã afirma «o homem é imagem e semelhança de Deus» (Gn 1,26) o demónio (a serpente-enigma) fala em «sereis como Deus» (Gn 3,5). O destino de sermos divinos é uma promessa de Deus que já está presente na «imagem e semelhança». O maligno fala que seremos divinos no futuro se nos desviarmos do caminho presente para Deus. «É aqui que está a perversidade demoníaca: não tanto em nos enganar sobre o bem a adquirir (é bom adquirir o conhecimento do bem e do mal), mas em fazer-nos crer que o pecado é o meio de ter acesso ao bem.»⁵⁴ O pecado afasta-nos do nosso destino, da nossa finalidade para Deus. Este pecado que vem da sedução do mal leva ao desvio do Homem da sua vocação. O Homem vê-se perdido. E este é o mal infortúnio em que se encontra o Homem. Ele foi enganado e encontra-se no erro ou seja num destino errado. Trata-se, portanto mais de uma questão metafísica e objectiva do que moral e subjectiva. «Afirmar que faz falta uma redenção, porque o Homem está destinado à divinização implica que a queda é muito mais que uma simples questão moral, para a qual bastariam a virtude e o esforço como solução. A mal-desgraça do mal está em separar o Homem da sua vocação de ser, aniquilando-o em si mesmo. Ao falar de um formidável e terrível erro de destino, que exigiu a «descida» de Deus à terra e aos infernos, a dogmática cristã des-cobriu o tenebroso poder do mal, que não é puramente

⁵¹ GESCHÉ — *O Mal*. P.71

⁵² Cf. GESCHÉ — *O Mal*. P.72

⁵³ GESCHÉ — *O Mal*. P.72

⁵⁴ GESCHÉ — *O Mal*. P.74

subjectivo mas objectivo.»⁵⁵ Esta característica objectiva deste mal-desgraça é o que Gesché classifica de um fracasso que é bem-sucedido. Será a realização fracassada de uma pessoa que movida para a realização do seu ser é desviada, enganada e o acto que realiza é um acto falhado que desemboca num desastre. Se o co-piloto de automóvel dita uma nota errada da estrada e o piloto obedece cegamente o resultado dá no êxito dessa nota mas em fracasso de destino pois o desastre acontece. Quando popularmente se diz que uma pessoa está endiabrada pretende-se dizer que tudo o que ela realiza leva à destruição, à divisão, à dispersão, a um fracasso da pessoa humana bem-sucedido.

Concluimos que a des-moralização e a re-dogmatização do mal nos aproximaram das realidades do mal quer subjectivas quer objectivas. Estas realidades «ensinam-nos mesmo que a fome no mundo e as atrocidades da opressão têm rigorosamente que ver com a salvação do homem ou com a sua perdição, e que o cristão não as pode tratar como uma simples questão de coração, de moral ou de justiça. O corpo esteve sempre misturado com o destino da alma, e com certeza que entra também na salvação. São tão pouco separáveis que o Senhor ao pedir-nos para vestir os nus e libertar os prisioneiros oprimidos, fez disso uma questão do Reino.»⁵⁶

6. Topologia conceptual e ética do mal

A perspectiva aqui enunciada por Adolphe Gesché do mal infortúnio, perspectiva que, como vimos, foi negligenciada pela teologia permite apresentar uma nova topologia conceptual e ética do mal: é acrescentado *o mal de infortúnio* à distinção clássica de *mal de culpa* e *mal de pena*. Embora já existisse a distinção entre o mal activo e o mal passivo, o mal de culpa e o mal de pena, cometeu a teologia clássica o erro de ligar demasiado o mal de pena à culpabilidade visto considerar a pena um castigo no presente de uma falta subjectiva cometida no passado pela humanidade. Assim o mal sofrido, o mal imerecido que carrega o inocente não era tido em conta na topologia clássica. Há assim lugar a uma terceira distinção para um mal simultaneamente sofrido e não culpado. É o direito que a figura de Job tem de ser reconhecido inocente de um mal que lhe sobreveio imerecidamente. E embora os amigos o quisessem condenar considerando o seu mal um mal de pena, ou seja, Job estaria a ser castigado por uma falta passada dele ou dos seus antecessores, Deus considerou legítimo o protesto de Job inocente e condenou os discursos justificativos do mal de pena pronunciados pelos amigos de Job. O Novo Testamento dá conta de tantas curas que Jesus realiza em pessoas que carregavam um mal imerecido. Veja-se por exemplo a cura dum cego de nascença em que o mal da cegueira não é atribuído nem aos pecados do cego nem aos pecados dos seus

⁵⁵ GESCHÉ — *O Mal*. P.74-75

⁵⁶ GESCHÉ — *O Mal*. P.76

pais. (cf. Jo 9,1-41) «Vierem ter com Ele numerosas multidões, transportando coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos outros, que lançavam a seus pés. Ele curou-os, de sorte que as multidões ficaram maravilhadas ao ver os mudos falar, os aleijados escorreitos, os coxos a andar e os cegos com vista. E davam glória ao Deus de Israel» (Mt 15,30-31) Não se vê nesta passagem do Evangelho qualquer referência a culpados mas somente a uma multidão de vítimas da doença e enfermidades.

Este mal sofrido e não culpado está presente também na questão do pecado original. A tradição diz-nos que não somos culpados com uma responsabilidade pessoal, pois neste sentido apenas Adão cometeu o pecado original, mas estamos marcados pelo pecado original e o suportamos sem que se possa falar de castigo. Torna-se pois legítimo que o mal desgraça faça parte de uma topologia teológica.

7. Topologia ontológica do mal

Querendo aprofundar mais a classificação do mal, Adolphe Gesché faz a distinção dos vários graus na topologia ontológica do mal: *mal de mal*, *mal de pecado*, *mal de paixão*.

O *mal de mal* é atribuído ao mal radical, mal absoluto, demoníaco, anterior a toda a culpabilidade humana. É o mal onde se situa a culpabilidade sem desculpas, sem remissão. É o mal da perversidade gratuita e exclusivamente malfeitora. É o mal-acção atribuído à figura do demónio. A reacção a este tipo de mal só pode ser um "vai-te" categórico: *vade retro, Satanas (vai-te, Satanás)*.

O *mal de pecado* é o mal de consentimento (voluntário) e o mal de queda (involuntário). É o mal que se situa a meio caminho entre o agir e o sofrer atribuído à figura do homem. «É ilustrado pelo tema da tentação (consentimento) e da sedução (queda). Este mal pode ser grave, ao menos nos seus resultados; [...] mas o certo é que esse mal conhecido ou cometido pelo Homem – porque é ele aqui a sua figura – não é senão um mal segundo em relação ao mal radical.»⁵⁷ Ao mal do pecado do Homem, Jesus lança um "vade" de levantamento: *Vade et iam noli peccare (vai, põe-te de pé e não voltes a pecar)*.

O *mal de paixão* é aquele cuja figura é o próximo da parábola, o bom samaritano ou o Deus da salvação, o Cordeiro de Deus. É o mal que uma pessoa padece, que leva consigo que lhe é totalmente alheio, é o sofrer em compaixão com alguém; é o mal que alguém aceita voluntariamente por amor, «enfim, paixão que se torna Paixão, isto é, mal cuja (aparente) passividade ("Padeceu sob Pôncio Pilatos") esconde, de facto, uma acção bem maior porque se transfigura em vitória. Neste terceiro grau, a virulência do mal é «pervertida»: o mal é derrotado, mas não por acto mágico e exterior, mas com a descida ao seu próprio inferno: a Paixão continua a ser uma

⁵⁷ GESCHÉ — *O Mal*. P.79

paixão.»⁵⁸ Ao próximo que se faz responsável da vítima e a todos que imitarem este samaritano, Jesus convida: *Vade, et tu fac similiter* (Vai, tu também, e faz o mesmo).

8. Topologia estrutural e sequencial

Numa topologia estrutural e sequencial, à semelhança do estruturalismo e a partir da análise do fenómeno do mal, Adolphe Gesché faz uma classificação dos agentes concretos que intervêm neste drama que é o mal: agente 1: o actor; agente 2: o destinatário; agente 3: o Terceiro-ajudante. É a partir da parábola do Bom samaritano que descobrimos estes três personagens-actores. No agente 1 situa-se a origem objectiva do mal: pode ser um pecador, o irracional, um sedutor, um culpado, um Demónio. É o agente culpado absoluto ou relativo. Mas a nossa acção não deve parar aqui no âmbito da culpabilidade. No agente 2 encontra-se a vítima inocente de um infortúnio, uma vítima mais ou menos consentânea com um sedutor, ou aquele sobre quem recai um castigo. É neste agente que recai toda a desgraça do mal e centrando-se nele é que se decide o combate e a resolução ou não do mal. O agente 3 poderá ser um espectador, um acusador, um advogado, um salvador, um próximo, um mediador, um justiceiro, ou Deus. O que o Evangelho exige e espera é que qualquer destes sendo o Terceiro, o Outro se torne, antes de acusador ou denunciador, um adversário do mal, um salvador da vítima, um responsável do drama. Então, a partir desta parábola do Bom Samaritano vemos que a responsabilidade fica definitivamente desligada da culpabilidade. A responsabilidade fica antes ligada a um encargo. O verdadeiro responsável diante do mal não é o culpado mas aquele que está próximo da vítima do mal. Jesus cristo, o Terceiro, o Outro assume toda a responsabilidade, o encargo de combater o mal no seu núcleo duro, descendo aos infernos, e é o único que não tem qualquer culpabilidade do mal. Vemos assim feita a deslocação da responsabilidade de combater o mal, do culpado para aquele que está próximo, da responsabilidade de denúncia para a responsabilidade de ajuda e da responsabilidade de culpabilidade para a da acção, ao fazer-se próximo. Trata-se, pois, de passar à prática o combate contra o mal, não à maneira dum justicialismo apenas na focalização do culpado com o respectivo mal de castigo, mas à maneira de Cristo: com gestos e obras atender primeiro à vítima, mesmo que esta seja eventualmente culpado; depois, denunciar a culpabilidade fundamental (a proto-culpabilidade) onde esta se encontra à semelhança do que faz a linguagem bíblica situando-a na sedução, neste espaço de queda em que a nossa sociedade se mostra na sua objectividade estrutural naquilo que é com os seus ladrões, assassinos, opressores, etc. (os agentes do mal), em vez de situar o mal imediatamente nas consciências

⁵⁸ GESCHÉ — *O Mal*. P.79.

individuais.⁵⁹ Uma vez mais Adolphe Gesché quer ver o Homem liberto da proto-culpabilidade para à semelhança de Cristo (Terceiro não culpado nem vítima) assumir o encargo, ser responsável na verdadeira e única solução frente ao mal que é a salvação.

⁵⁹ Cf. GESCHÉ — *O Mal*. P.80-82

CAPÍTULO III

Deus "surpreendido" desce ao mal para o combater

Creio que Adolphe Gesché nos esclareceu devidamente sobre os dois males que devem ser combatidos: o mal moral e o mal infortúnio. Aí se vê o Homem envolvido e preso num «mysterium iniquitatis» que só pode ser resolvido no seio do mistério da salvação. Como pode o Homem libertar-se do mal moral e mal infortúnio que o oprime, o faz sofrer umas vezes merecidamente por culpa própria outras vezes imerecidamente ao ser atingido pelo mal infortúnio? Veremos mais à frente os meios que a psicologia do inconsciente e a mística cristã propõem para a libertação do sujeito humano quer do mal de culpa quer do mal imerecido. Mas estes meios só são possíveis ao Homem se o próprio Homem chamar Deus para combater este mal irracional que como vimos atrás é um excesso e portanto só Outro excesso o poderá combater.

Como pode o sujeito humano assumir o encargo, a responsabilidade da salvação, se esta é a única solução para combater o mal radical?

1. Mistério da salvação

No percurso desta dissertação já chegamos com Adolphe Gesché a uma clarificação sobre o mal: não é uma questão apenas moral, que no Homem estivesse a origem do mal e fosse apenas um problema de consciência individual para que bastasse ao mesmo Homem arrepende-se, praticar a ascese e as virtudes e estaria aí a solução frente ao mal. Não. O mal original é antes uma realidade exterior ao sujeito humano, que apareceu como surpresa no mundo fora dum plano divino sem explicação e sem justificação. Deste modo é um excesso de tal ordem para o Homem que o seu peso é esmagador e não pode ser suportado pelo mesmo Homem. É necessário, portanto, um Outro excesso para poder suportar este peso. A palavra «salvação» que acima referi para solucionar o problema do mal é a que pronunciada pode tornar insolvente o mal. Para tal é necessário um ab-soluto para ab-solver. Um ab-soluto isento de qualquer mal. Deus é a única palavra capaz de preencher os requisitos de um Absoluto para tornar insolvente o mal. Sabemos que esta Palavra se tornou realidade humana num tempo da criação, a plenitude dos tempos, numa pessoa: Jesus Cristo. Esta é a forma como Deus "surpreendido" pelo mal desce ao mal para o combater. Deste modo o mal deixa de ser um argumento de objecção contra Deus, como entendia a filosofia, e é Deus que passa a ser uma objecção contra o mal, como entende bem a teologia. É por isso que a palavra "salvação" não pertence ao dicionário da filosofia mas é própria e exclusiva da teologia. Então,

Deus na pessoa de Jesus Cristo, isento de toda a culpa do mal pode suportar e tirar este peso do mundo que é o mal radical. Cristo foi o único capaz de suportar o inferno de culpabilidade que o Homem carregava. Esta realidade que era considerada terrível para o Homem, a realidade do mal, é agora assumido por Cristo, o Cordeiro de Deus, que desceu ao seu interior mais terrível que era a morte, a perdição do homem e retirou-lhe esse prestígio negativo que tinha o mal eliminando todo o poder no céu, na terra, nos infernos. "Ó morte, onde está a tua vitória, onde está o teu aguilhão?" (1Cor 15,55). A salvação é assim uma tarefa própria só de Deus como o constatou Jesus aos seus discípulos quando estes perante a dificuldade de salvação perguntavam: «'Então, quem pode salvar-se?' Fixando neles o olhar, Jesus disse-lhes: 'Aos Homens é impossível, mas a Deus tudo é possível'» (Mt. 19,25-26)

A salvação opera-se portanto, na deslocação do Deus "surpreendido" para o Deus que desce ao mal para o combater. Foi necessário que Deus, superabundância de bem e de graça, excesso de amor e justiça, feito homem em Jesus Cristo, o Novo Adão, chamasse a si o próprio mal radical e descendo ao seu interior, aí o combatesse. Neste gesto, o Senhor mostra ao mundo que é Ele quem dá a vida e a retoma de novo no mistério da ressurreição.

«Podemos imaginar duas espécies de salvação. Uma salvação puramente interior, que procede da própria situação do mal: mas isto seria acreditar que há no mal uma oportunidade eminente de reconciliação, o que é absolutamente contraditório, como já vimos pela sua irracionalidade radical que não tem nenhuma justificação. Podemos imaginar também uma salvação vinda pura e simplesmente do exterior. Teria a vantagem de ter em conta a necessidade de um terceiro, de uma exterioridade. Mas se este deve interferir sem levar em conta a situação, estaríamos em face de um acto mágico e, nesse caso, não de uma verdadeira salvação. Ao falar de uma Paixão, nós fazemos alusão a um Terceiro, mas falando ao mesmo tempo de paixão, nós sublinhamos que esta salvação se leva a cabo mesmo no coração da realidade do mal. Todo o génio cristão da ideia de salvação reside talvez nisto, longe quer de uma salvação puramente imanente quer de uma salvação puramente extrínseca. É também numa perspectiva como esta que se pode passar duma irracionalidade de mal (*mysterium iniquitatis*) a um mistério de salvação.»⁶⁰

Penso que este mistério da salvação realizado por um Terceiro no interior do próprio mal fica um pouco mais iluminado se reflectirmos no tema das tentações de Jesus que proponho agora analisar. Este combate do mal é feito por um Terceiro, uma exterioridade do mal, que vai ao seu interior para o combater, não por um acto mágico, por uma acção exterior à maneira que o próprio Diabo sugeriu a Jesus Cristo: «Se Tu és o Filho de Deus, ordena que estas pedras se convertam em pães.» (Mt 4,3) Seria necessário recorrer permanentemente a este acto exterior, mágico, usando do poder duma realidade exterior, o Outro, para matar a

⁶⁰ GESCHÉ — *O Mal*. P.79 nota nº 110

fome a todas as pessoas que no mundo vivem este drama. Quando ouvimos algumas orações na Igreja a pedir a Deus para matar a fome em África ou Ásia ou outro qualquer continente não serão elas tentações semelhantes a esta feita pelo diabo a Jesus? Mas o drama da fome exige um combate no seu interior, uma acção profunda ao nível da própria estrutura societária para erradicar os factores que contribuem para a fome no mundo: melhor distribuição dos recursos naturais sendo necessário que os grandes senhores nos países pobres abdicuem da sua ganância e riqueza e distribuam os recursos naturais de que são possuidores pelo povo esfomeado, educar as sociedades pobres a aprender a usar as suas próprias capacidades para produzir os seus alimentos e eliminar a tirania do capital sobre os sistemas económicos das sociedades. Este é o drama da sociedade actual, mesmo ao nível do mundo dito civilizado, com o aparecimento de novos grupos sociais a viverem nos limites da pobreza depois de o capital financeiro lhes executarem todos os bens para pagar os empréstimos que foram estimulados pelo próprio capital. Quem nasce num país de poucos recursos ou de monopólio dos mesmos recursos e morre à fome é vítima de um mal imerecido, de um mal sofrido que pode ter a sua origem num mal infortúnio, como é o caso da perda dos recursos por causa de secas ou tempestades ou outros factores considerados naturais mas pode ter a sua origem no erro humano como é o caso da ganância de uma minoria de Homens que não repartem o excesso que têm com os mais necessitados.

Outra sugestão que o Maligno deu a Jesus no episódio das tentações para eliminar o mal pela via de um acto exterior mágico foi que Jesus mostrasse o seu poder messiânico num espectacular salto da torre do templo pois está escrito: «Dará a teu respeito ordens aos seus anjos; eles suster-te-ão nas suas mãos para que os teus pés não se firam nalguma pedra.» (Mt 4,6b). É outro drama que prolifera no mundo da superstição e idolatria, o recurso a magos, cartomantes, médiuns, os ditos bruxos, a procura de actos exteriores mágicos que as pessoas buscam para a cura rápida e imediata dos seus males físicos e psíquicos depois de não encontrarem as soluções na medicina tradicional.

E finalmente o Diabo propõe a Jesus uma forma radical de eliminar o mal no mundo: «...mostrando-Lhe todos os reinos do mundo com a sua glória, disse-Lhe: "Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares.» (Mt 4,9). Jesus reconhece neste o mal radical. Por isso a sua resposta também é radical: «Vai-te, Satanás...» (Mt4,10). Não há remissão para o mal radical. Seria o acto mágico mais radical: aceitar uma nova ordem, abandonar a ordem divina e tornar-se totalmente dependente da ordem do Maligno. Mas não será isto que infelizmente vemos a passar-se no interior de sociedades secretas que oferecem poder e lugares privilegiados a quem aceita uma nova ordem de subordinação? Não é isto o que se vê no extremo desta subordinação ao mal, a proliferação das seitas satânicas com rito próprio de adoração e

subordinação ao Maligno, à ordem (desordem) do «mysterium iniquitatis»? Será que alguns fenómenos de possessão diabólica não são a consequência desta subordinação ao Maligno? Claro que a resposta de como combater este mal radical será recorrer à única autoridade, a de Jesus Cristo, que venceu a morte e a quem o Pai deu o poder no céu, na terra e nos infernos. Esta autoridade é dada por Jesus Cristo à Igreja nos sacramentos e nos sacramentais como forma de obter a graça de Deus e combater o mal radical.

Do que acabo de afirmar, este gesto teológico de pôr em evidência a necessidade de uma salvação antes mesmo de qualquer outra coisa ou meio para solucionar o problema do mal, levanta a questão:

Será que não nos resta mais nada que ficar à espera da salvação de Deus para cada um de nós?⁶¹

A resposta será claramente não. A Deus a responsabilidade da salvação como a única resposta possível para a radicalidade do mal. A nós a responsabilidade de usarmos as mediações humanas para fazer acontecer a salvação proposta por Deus. Vemos deste modo que não está nas virtudes do Homem (moralidade) o meio para acabar com o mal radical, mas está na «salvação que se mediatiza em virtudes práticas».

«Deus não nos livra do mal (o mal está aí sempre), mas do Demónio, quer dizer, da *tiranía* do mal, do tirano, do príncipe do pecado; da *servidão* do pecado. O Demónio não é mais o mestre mas nós e Deus.»⁶²

Não devemos ficar passivamente à espera que chegue para cada um de nós a promessa da salvação. A salvação já está aí em Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus que nos libertou da tirania do Maligno, da servidão que o pecado nos mantinha com o Maligno, com a serpente-demoníaca. Cristo libertou-nos da tirania do príncipe deste mundo. O mal radical terá o seu fim no termo do mundo mas perdeu o senhorio sobre a humanidade de Jesus Cristo que agora está sentado à direita do Pai na sua humanidade glorificada e nos faz participar desta divindade já neste mundo quando aceitamos comungar o seu Corpo Eucarístico.

2. Mediações humanas para combater o mal

A salvação de Deus necessita das mediações humanas. Há várias mediações que podem ser usadas para combater o mal em ordem à salvação de Deus. Adolphe Gesché fala de duas: a justiça e o amor (caridade). Interessante reler a passagem do Evangelho da visita de Jesus a casa da família de Lázaro e verificar que em Maria e Marta poderá estar em comparação a relação com a justiça e a caridade. A justiça é uma virtude moral que pode não

⁶¹ Cf. GESCHÉ — *O Mal*. P. 88

⁶² GESCHÉ — *Le mal et la lumière*. P. 74

chegar se não se prostrar diante da caridade, esta uma virtude teologal. Não chega a actividade mundana de Marta em cumprir todas as normas nos afazeres humanos, no cuidar da alimentação, do vestir, do hospedar. É importante que se faça justiça com aquele que cumpre as normas e que se corrija aquele que não as cumpra. Mas se a justiça ficar apenas no cumprimento de uma pena não chega para a salvação. Os critérios da justiça de Deus são superiores aos nossos, pois no perdão Deus ultrapassa os nossos critérios. E tantas vezes queremos pôr na frente de Deus os nossos critérios pedindo justiça a Deus que é preciso fazer como Maria que escolheu Deus aos seus critérios pessoais. Jesus é muito claro quando diz a Marta que Maria escolheu o amor e com isso escolheu a melhor parte que não lhe será tirada, porque o amor é sempre um excesso que vence a própria justiça. É neste excesso de amor de Jesus Cristo que a salvação de Deus é oferecida aos Homens, Ele o único que não tem qualquer culpabilidade e aceita toda a responsabilidade de combater o mal radical.

Mas há outras mediações humanas para a salvação de Deus. Adolphe Gesché abordou a justiça e a caridade mas falou na necessidade da libertação do sujeito humano ao nível do psíquico e da consciência como combate contra o mal e como condições para a salvação.

A conversão pessoal, a par da justiça e da caridade, é também uma mediação humana e para que a consciência humana se aproxime mais daquilo que é a Vontade de Deus é necessário que o sujeito humano esteja liberto no seu psíquico de todos os condicionamentos e obstáculos que o impedem de se autoconhecer e viver em conversão permanente. Não foi um tema abordado em profundidade pelo nosso autor, contudo acho oportuno apresentar nesta dissertação o contributo que a psicologia do inconsciente e a mística cristã me dá como meio de combater o mal no seguimento dos desejos de Adolphe Gesché que a este propósito disse o seguinte: «Gostaria muito de ver as teologias da libertação, assim como a nossa reflexão e o nosso combate contra o mal, a progredir graças a algumas condições:[...]uma psíquica [...]uma estética [...]uma litúrgica [...]uma escatológica [...] uma teológica [...]uma patética [...]»⁶³

2.1. A auto-análise como libertação psíquica do sujeito humano.

«O nosso problema [...] é o sujeito humano e a sua salvação. [...] E, quanto a este ponto, vemos que, a partir das suas fontes, o sujeito *natural* não está preparado para viver. Nasce incapaz de viver a sua vida. Porquê? Há uma velha questão ligada com o mal. [...] As fontes cristãs mostram-nos como o sujeito, para começar a viver, necessita de ser curado.»⁶⁴

A atribuição da proto-culpabilidade ao mal radical que Adolphe Gesché faz a partir da análise hermenêutica do Livro do Génesis, tem como primeira consequência a necessidade de

⁶³ GESCHÉ — *O Mal*. P.142-159

⁶⁴ Cf. Anexo: Documento entregue pelo prof. Dr. Jorge Cunha no dia 13 Outubro 2011: “*Fé, Cura e Capacitação frente ao mal: Um tempo que está mal de discurso sobre o Mal*”.

retirar do sujeito humano toda a carga de culpabilidade que este carrega desde o seu nascimento com consequências ao nível da saúde física e psíquica. Constatamos na actualidade um aumento brutal de consumo de ansiolíticos e antidepressivos por parte de uma percentagem significativa da nossa sociedade moderna. É um sinal evidente de um mal que está alojado ao nível do psiquismo humano que tem a sua origem em tensões e conflitos gerados na pessoa humana no seu relacionamento societário e que não sendo assumidos e resolvidos pessoalmente foram deixados para posterior solução pelo esquecimento.

Armazenados no chamado inconsciente humano voltam ao consciente da pessoa em determinada fase da sua vida de crescimento e maturação e entram em conflito com a própria pessoa que involuntariamente vê-se afectada não só na sua mente mas também no seu corpo. Cientificamente é-lhe dado o nome de neuroses. Proliferam nos nossos tempos os efeitos das neuroses, provocadas por recalcamientos, e que a psiquiatria procura sanar com os antidepressivos e ansiolíticos, não passando estes de analgésicos para tirar dores, em vez de eliminar os males.

Como se pode combater estes males?

Um dos casos paradigmáticos destas situações parece-me ser a cura do paralítico (Mc 2,2-17) no Novo Testamento. Este homem paralítico desejou a cura para voltar a ter uma vida normal. Pediu ajuda a quatro amigos e com muita confiança, foi colocado perante Jesus. A partir das primeiras palavras de Jesus: «Filho, os teus pecados estão perdoados» (Mc 2,5) deduzo que este homem paralítico vivia há muito tempo com um complexo de culpa, proveniente dos seus erros e das acusações que a cultura judaica transmitia aos sujeitos humanos, que infringiam as leis hebraicas. As doenças e os sofrimentos eram atribuídos aos erros e pecados do sujeito humano bem como aos seus antepassados. Essa carga de culpa era tão grande neste homem que o paralisou fisicamente. Jesus vê que este homem é vítima de muitas acusações quer sejam merecidas ou imerecidas, mas o importante neste momento é libertá-lo desta carga e torná-lo livre e capaz de viver. Quando este homem é liberto da culpa, a partir das palavras de Jesus: «os teus pecados estão perdoados» (Mc 2,5), volta a estar em condições de exercer a sua humanidade na totalidade das suas faculdades corporais, intelectuais, emocionais e espirituais. Por isso, Jesus lhe diz: «levanta-te, pega no teu catre e vai para tua casa» (Mc 2,11), ou seja, volta para a tua vida normal porque estás livre de todas as acusações. Naturalmente haverá lugar a um mal moral fruto da acção do próprio homem mas muito do seu mal, ao ponto de paralisar, tem a ver com um mal imerecido, mal sofrido, mal que a sociedade do seu tempo classificava de mal castigo, consequência dos seus erros e dos erros dos seus antepassados.

Desde a concepção, o sujeito humano passa pelo processo de autoconstrução na consciencialização de si mesmo e dos outros, na aquisição de conhecimentos que vão formando a sua personalidade na infância, adolescência, juventude e maturidade. A construção do sujeito faz-se num processo relacional com os outros sujeitos e com o mundo, cheio de tensões, acusações e que o sujeito tem de solucionar, positivamente, a cada momento, sob pena de estas tensões e acusações se tornarem em recalcamientos. Freud caiu no erro de considerar que todas as tensões levam a recalcamientos. Mas há tensões construtivas da personalidade que são problemas com solução. Quando um impulso de nível psicobiológico ou psicossocial ou psicoespiritual se vê às voltas com um problema sem solução, instala-se um recalcamiento no inconsciente, na área desse impulso,⁶⁵ As tensões não resolvidas, ou seja, os recalcamientos, instalam-se no inconsciente longos anos até que a dado momento da vida da pessoa, já não é possível manter por mais tempo essas feridas. O inconsciente da pessoa é como o oceano onde os Homens descarregam todo o tipo de lixo e poluição mas, num momento oportuno, o mar tudo manda de volta para terra, muitas vezes em fenómenos catastróficos, que o Homem não compreende. O Inconsciente resolve expulsar para o consciente todas essas feridas adquiridas no ventre da mãe, na infância ou na adolescência e juventude. «De facto, ele (Inconsciente) é responsável pela qualidade das nossas atitudes, gestos, carências, de modo especial, recalcamientos e reacções violentas, que, nem pais, nem filhos, nem jovens nem adultos, são capazes de desvendar. A origem de certas atitudes e gestos pessoais parece inexplicável. [...] Além disso, o inconsciente guarda todos os *segredos* vivos, em arquivo, desde a altura em que a nossa mãe nos recebeu no útero materno, se fomos ou não desejados, suficientemente queridos e amados, ou apenas tolerados ou rejeitados. A construção do nosso ser começa já quando o nosso nascimento é projectado pelos nossos pais.»⁶⁶

Quando todas essas feridas, depositadas no inconsciente, são devolvidas ao consciente, o sujeito vive um conflito que não sabendo resolver, vê-se condicionado no seu estado físico, emocional e psíquico e começa a viver sob os efeitos deste conflito, com insónias, dores musculares, cansaço permanente, apatia, desânimo, e até vontade de morrer. Recorre-se à medicina tradicional com diversos exames e sem chegar a nenhum resultado das causas da doença. Então, na muita ignorância, alguns destes pacientes resolvem recorrer a terapias alternativas, que passa por consultas de videntes, bruxos, espíritas e todo o tipo de esoterismo e superstições. Cada vez ficam mais debilitados e o recurso aos antidepressivos e ansiolíticos começam a deteriorar o paciente, até à incapacidade de discernimento e consciencialização dos problemas. Estes pacientes vivem com um mal que penetra todo o seu

⁶⁵ Cf. MOHANA, João — *Padres e Bispos auto-analisados*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p35

⁶⁶ PEREIRA, Florentino Mendes, cmf — *O segredo da Pessoa Humana: Contributo à psicologia do Inconsciente*. Prior Velho: Paulinas editoras, 2010, p. 54-56

ser; a sua sensibilidade emocional está fortemente afectada, assim a terapia desejada tem de curar todo o ser da pessoa. A auto-análise é o método aqui proposto para atender a este desejo. Este método é um processo de auto-conhecimento, que o paciente faz em plena consciência e sensibilidade, vivenciando as etapas da sua vida onde se encontram as feridas, as acusações, sentir de novo os efeitos da neurose provocada pelo recalçamento e esgotar por completo toda a dor destas feridas. «Porém, aqui a questão em causa não é apenas trazer a tereiro os factos esquecidos ou depositados no inconsciente, mas a cura do doente. A mera lembrança, por si, não cura; mas sim a causa que lhe provocou o acontecimento doloroso e feriu a sua sensibilidade, a sua dignidade, a sua pessoa, se conseguir revivê-lo com igual intensidade...[...]O processo que utilizo, ao invés, é a luz da consciência na sua máxima potência, tanto quanto é possível ao doente, e ele consegue, de um modo positivo, consciencializar, à sua maneira, mais devagar ou mais rápido, toda a realidade histórica da sua vida, de modo especial, as marcas negativas que o atingiram e que, de uma forma ou de outra, ficaram gravadas na pele, nos nervos, nos músculos e nos ossos, enfim, no sistema digestivo e nervoso.»⁶⁷ O processo de auto-análise é assistido pelo psicólogo que ajuda a pessoa a seguir por passos mais rápidos ou mais lentos, conforme a sua capacidade de localizar, lembrar e consciencializar o seu recalçamento, as suas feridas. Ao psicólogo é exigido o máximo de atenção aos gestos, palavras, aos sinais da pessoa, para a ajudar a encontrar a raiz do seu recalçamento. Num segundo passo, é importante que a pessoa alcance, por si mesma, a compreensão desses sinais ou sensações... há quanto tempo começou... e porquê...quem provocou tal dor, tal revolta, medo...tensão... O passo seguinte, ao descodificar tais sensações no seu corpo, a pessoa exprime, verbaliza o sofrimento, expressando ao nível da sua sensibilidade toda a dor até ao esgotamento desta. «Quando o paciente descobre o mal e o vocaliza com dor é, então, eficaz».⁶⁸ O papel do Psicólogo, nesta altura, é deixar que toda a intensidade da manifestação de sofrimento, dor, se manifeste na pessoa, incentivando-a, com pequeno gesto de mãos ou palavras a deixar sair toda a dor em lágrimas, gritos, gemidos, vômitos ...até ao esvaziamento de todo o sofrimento. Aí, acontece a cura total da ferida, que se operará de forma mais rápida ou mais lenta, conforme o recalçamento está mais ou menos fundo no Inconsciente.⁶⁹

No final deste processo de auto-análise, a pessoa liberta-se de todo o sofrimento e dor, descarregando pela sensibilidade corporal, todo o veneno acumulado nas feridas e mágoas, provenientes dos recalçamentos passados no seu Inconsciente. Após a cura, a pessoa sente-se outra, respirando bem e profundamente, sentindo leveza no seu corpo, paz interior, alegria no rosto, satisfação exteriorizada num sorriso natural, tranquilidade, quietude,

⁶⁷ PEREIRA — *O segredo*, p.59-60

⁶⁸ PEREIRA — *O segredo*, p.93

⁶⁹ Cf. PEREIRA — *O segredo*, p.66

confiança, compreensão e perdão; é o fim da neurose e o início da reconstrução da personalidade da pessoa na sua consciência, liberdade, dignidade, individualidade. Estes sentimentos surgem de dentro, do interior profundo da pessoa, do inconsciente, que «*activo, liberto, torna-se a base essencial da relação do indivíduo com o Transcendente*».⁷⁰

O autor do livro *O segredo da pessoa humana* apresenta vários testemunhos de cura e libertação psíquica e física: paráliticos que chegaram à entrevista de canadianas e saíram pelo seu pé; mães que fizeram aborto e viram-se curadas e perdoadas, bem como outros. Gostava de transcrever aqui um caso de uma *Estudante rejeitada pela mãe ainda no ventre materno*⁷¹ descrito pelo autor e confirmado pelo testemunho da própria estudante. É um caso que mais me intrigou, por ser um exemplo do papel fundamental do inconsciente no ser humano, logo a partir da sua concepção e como pode um sujeito humano ser afectado imerecida e inocentemente por um mal e ver-se livre deste mal. Eis a descrição feita pelo padre Florentino de um caso de cura e libertação psíquica pela auto-análise:

«Um dos casos mais surpreendentes da minha vida foi o de certa jovem estudante que vivia sob o signo do pessimismo, da tristeza, da incapacidade de realizar qualquer coisa na vida. Aparecia com os sintomas de pessoa angustiada, vencida, destruída, sem vida, esmagada por mil toneladas de peso [...]. Teria nessa altura 17 ou 18 anos. [...] Tive com ela uma sessão que rondou as três horas e meia [...] A jovem estudante concentrou-se com facilidade. Falava pouco. Começou por dobrar a cabeça sobre o peito e levar os joelhos perto do queixo, ficando em posição fetal. Era precisamente a realidade profunda aonde ela devia chegar para se curar: sentir-se feto no ventre materno e viver aí, conscientemente, a mais profunda ferida do ser humano sobre a terra: a rejeição por parte da mãe, logo a partir do momento em que é concebido. As mãos, os dedos, as unhas, o rosto, os lábios, a boca, a pele, alteraram-se como se de um feto se tratasse, ficando eu impedido de lhe tocar, numa fase única, que tem de reviver praticamente sozinha. Apenas o alento da minha presença e as minhas palavras de ânimo podiam levar avante a paciente. Dizia-lhe muito baixinho a fim de não perturbar este fenómeno sensacional: "sim, sim; muito bem...consciencializa esse sofrimento; aceita o que estás a viver, o melhor que puderes; vai ainda mais ao fundo... coragem, coragem; não tenhas medo; esse sofrimento está aí há muito tempo; é mesmo assim; avante; vais ficar bem". Aquela marca indelével – rejeição ainda antes de nascer – iria acompanhar a paciente pelo resto da sua vida. Todavia, ao consciencializar e reviver essa consciencialização da ferida e ao exprimi-la, neste caso, numa atitude de incapacidade absoluta (feto) e muito dolorosa, ficou curada da rejeição, aceitando as limitações que esta situação lhe ocasionava e comunicando-lhe nova vida. [...] Pedi-lhe que escrevesse o que viveu durante todo aquele tempo de sofrimento. [...]Vale a pena confrontar este relato, uma vez que o "feto", mesmo consciente de tudo o

⁷⁰ PEREIRA — *O segredo*, p.171

⁷¹ Cf. PEREIRA — *O segredo*, p.104-106

que passa dentro dele, só se pode exprimir pelos movimentos do seu corpo e, portanto, os aspectos pormenorizados da vivência passaram-me ao largo, como é natural.»⁷²

Em resposta ao padre Florentino, a jovem escreveu o seu testemunho, que se segue:

«Escrevo isto não apenas a seu pedido, mas também por uma profunda gratidão que vivo e de que sou devedora ao Senhor da minha vida, que realizou grandes coisas em mim. Eu sempre me senti uma pessoa extremamente reprimida no meu interior, incapaz de me sentir gente – pessoa –, eu mesma. Dentro de mim, habitava-me uma sede insaciável de amar e ser amada. Todavia sentia-me incapaz diante de mim mesma. Quisera poder traduzir em palavras a experiência que vivo neste momento, após a cura, mas é impossível. Desde já afirmo, com toda a certeza, que foi a maior prova de amor de Deus Pai por mim. Vou tentar descrever, com sinceridade, tudo quanto vivi nesta experiência de cura através da auto-análise. De início, senti-me bem acolhida, por si, sacerdote. O clima à minha volta era de bem-estar... Mas, pouco a pouco, comecei a sentir o peito a prender-se, a sentir-me sufocada, mal podendo respirar. O meu rosto, olhos, lábios, todo o meu corpo se imobilizou... a tal ponto que apenas fiquei dentro de mim com uma tristeza sem fundo. Mantinha, no entanto, plena consciência de quanto se estava a passar comigo. Desejava gritar, mas era impossível, não o conseguia. A pedido do senhor padre, que sentia bem próximo de mim e atento a tudo, respirei mais uma vez. Foi a partir daí que me vi completamente só... revivi, então, momentos da minha infância. Queria conversar com a minha mãe, sentar-me no seu colo, falar da escola, mostrar-lhe os meus cadernos e notas... falar ainda da minha professora de que gostava tanto; porém, a minha mãe não me dava qualquer atenção... Ela estava muito preocupada... não me dava tempo. Eu sentia-me sem valor e insignificante para a minha mãe... Então, isolava-me e chorava sozinha... A um novo fôlego de respiração, senti-me pequenina, deitada no berço, onde me via extremamente só... uma ausência profunda de carinho, a falta das mãos de minha mãe para me acolher... acompanhava-me uma sensação de frio, sede e fome. Por mais que gritasse ou chorasse, não via ninguém por perto. Eu buscava a presença, um olhar da minha mãe. Agora o meu coração pulsava forte, na esperança de vê-la... Eu desejava de alguma maneira comunicar-me com ela, sentir o seu calor materno; mas ela estava distante de mim. Sentia medo, abandono, tristeza e insegurança... Cada gesto e palavra do padre vinham dar-me alívio a tanto sofrimento, que era horrível. Parecia-me uma presença misteriosa que aos poucos me fazia sentir acolhida, protegida e amada. Vinha saciar a minha sede de carinho e afecto, carência essa que me fazia sofrer tanto... Respirei novamente e achei-me num mundo diferente: «no seio materno», onde eu não via nada, mas sentia tudo. Sentia-me agredida pela minha mãe. Ela estava nervosa, angustiada, sofria muito. Mas ela não percebia que uma frágil criatura dentro dela gritava por amor, tranquilidade e sossego. Eu tinha vontade de dizer à mãe que ela não estava a sofrer sozinha. Eu estava ali bem junto dela. Aos poucos eu vi-me “nascer de novo”. Eu estava a ser gerada de novo. Agora estava certa de que ALGUÉM me acolhia, me dava confiança; sentia-me amada e esperada. Sentia-me segura... Alguém me amava com amor de mãe e era isso mesmo que desejava. Dentro de mim via nascer um desejo profundo de gratidão, sem saber porquê, nem donde vinha. Era grande demais para eu compreender.

⁷² PEREIRA — *O segredo*, p.104-106

Aquela sensação de protecção, presença, carinho, não vinha apenas de fora (do padre). Eu sentia-me interiormente invadida por um “Novo Ser”, só que agora segura, amada, plena... Como num contraste, vi agora diante de mim todas as pessoas que me haviam calcado ou talvez, melhor, que não deixavam cicatrizar aquela ferida. Vivia, então, um desejo profundo de abraçá-las e gritar-lhes que eu havia renascido e que elas me ajudaram a chegar a este momento, isto é, a fazer-me sentir “Eu mesma”. Nesta altura, olhei para a parede, onde estava a cruz de Cristo. Eu sentia-me bem junto dele. O seu olhar me confortava, dizendo-me que Ele passara também por vários tormentos, talvez, não interiores, mas exteriores. Foi desprezado não pela mãe, pela Humanidade. Por isso, Ele compreendia toda a minha dor... Senti pelo padre uma profunda ternura, pois através de si eu recebi de novo a vida. O seu carinho, atenção e amizade, enfim, a sua presença acolhedora, sábia e amiga, nunca mais se apagarão da minha história.»⁷³

Todo o sujeito humano que faz a experiência da auto-análise, no âmbito da Psicologia do Inconsciente, percebe que não é um sujeito sozinho, isolado no seu interior, ou seja, no seu inconsciente. Mesmo não sendo crente, vive uma experiência interior que o faz sentir possuído por Algo que o transcende, e que não sabendo explicar, apenas diz que é um outro ser, um ser novo, cheio de gozo interior, entusiasmado em viver o momento da sua vida e, humildemente, conhecedor de Algo em si Inefável, mas indescritível.

2.2. O auto-conhecimento na conversão pessoal contra o mal culpa

Por tudo o que foi dito, creio que o sujeito humano foi criado como figura semelhante a Deus e o seu carácter infinito está no seu coração. Aí, no profundo do seu coração está o mistério do Homem, criado para amar e ser amado, mas tantas vezes impedido de o fazer por feridas causadas pelos seus erros ou pelos erros dos outros sujeitos, que com ele se relaciona.

Tanto as metáforas: os *doentes*, os *perdidos* e *abatidos*, como as parábolas do filho “perdido” (pródigo), da “ovelha perdida”, da “moeda perdida”, são utilizadas por Jesus de Nazaré para descrever a situação de necessidades das pessoas. Jesus não via pecado e culpa nestas feridas dos seres humanos que os escribas e fariseus acusavam de pecadores, mas vítimas, pessoas de corações quebrados e feridos que precisavam de cura. Jesus *via* o coração *perdido e abatido* destas pessoas, incapazes de se realizarem, enquanto seres criados. Os Homens do seu tempo viviam debaixo de um regime de opressão: carga enorme de impostos sobre o seu trabalho que já quase nada restava para a sua alimentação, ficando à mercê de doenças físicas e mentais.⁷⁴ Era uma multidão, que a Ele recorria, para serem tocados e curados.

⁷³ PEREIRA — *O segredo*, p. 165-167

⁷⁴ Cf. NOLAN, Albert — *Jesus Hoje: uma espiritualidade de liberdade radical*. Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa. Prior Velho: Edições Paulinas, 2008, p. 120

«A primeira coisa que talvez devamos ter em conta acerca do ministério de curas de Jesus é que este era holístico. [...] O seu hábito de tratar as pessoas como perdoadas de forma incondicional, como já não sendo culpadas, nem pecadoras, exercia um poderoso efeito de cura sobre aqueles que tinham sido acusados, vezes sem conta, de culpa.»⁷⁵

Jesus não *vía* apenas o exterior doentio das pessoas, mas olhava dentro, no invisível do coração, todas as amarguras, mágoas de imensas acusações, guardadas tantos anos; por isso, não bastava curar por fora as doenças: paralisia, lepra, cegueira, surdez, fluxo de sangue... mas libertar os corações da culpa, dos traumas, das tensões recalcadas... e as pessoas recomeçavam as suas vidas, passando a *ver* as coisas, como elas são realmente. «A verdade, ver as coisas como elas são realmente, é que nos fará livres, é que nos curará.»⁷⁶

Curar e libertar a pessoa integral, foi sempre a prioridade de Jesus. Por isso, o ministério de cura de Jesus era holístico. O sujeito humano não é capaz de amar se estiver ferido na sua intimidade, se carregar culpas, se transportar “montanhas” de egoísmos e enganos ou “vales” de feridas de rejeições. Só removendo todo este “lixo” do seu coração é capaz de viver e amar.

A primeira condição para ser curado por Jesus é *conhecer-se* como doente, rejeitado, pecador. Depois é ter fé e confiança em Deus, “Abba”. «A fé é um tipo particular de consciência, a consciência de Deus, ou do divino, que nos ama e se preocupa connosco.»⁷⁷ A consciência de Deus ou do divino que habita no sujeito humano, no infinito do seu coração, é o poder que Ihe foi dado para remover todas as “montanhas” e aplanar os “vales”. Esta confiança, levava as pessoas ao encontro de Jesus de Nazaré e ao abeirar-se d’Ele ficavam curadas. Jesus não dizia “Eu curei-te” ou “Deus curou-te”, mas sempre que as curas aconteciam dizia: “A tua fé curou-te”. Desta maneira, está no sujeito humano o poder da cura integral, enquanto ser finito, contingente e humilde, mas portador do Infinito no seu coração.

Jesus «animava, fortalecia e libertava as pessoas, fazendo-as acreditar que o impossível podia acontecer. Exemplo disto seria a forma como Ele desafiou o coxo, o parálítico e o aleijado, dando-lhes uma simples ordem: “levanta-te e caminha”. Fortalecidas pela sua fé confiante, as pessoas descobriam que, de repente, conseguiam levantar-se e caminhar. [...] A cura torna-se uma realidade. [...] Todos nós precisamos de ser curados, tanto individualmente como ao nível da espécie.

Então, como podemos tornar-nos portadores da cura para os outros?»⁷⁸

⁷⁵ NOLAN — *Jesus Hoje*, p. 116-117

⁷⁶ NOLAN — *Jesus Hoje*, p. 118

⁷⁷ NOLAN — *Jesus Hoje*, p. 129

⁷⁸ NOLAN — *Jesus Hoje*, p. 130

«Afirma Teresa de Ávila que “um dia de humilde auto-conhecimento é melhor do que mil dias de oração” e mestre Eckart afirma, sem rodeios: “Ninguém pode conhecer a Deus sem antes se conhecer a si próprio”.»⁷⁹

Não há dúvida que conhecemos muito pouco de nós próprios. O caminho para Deus está dentro de nós. Por isso, o processo de busca e descoberta de Deus começa no conhecer-se a si próprio. É preciso voltar a ser como criança, como indica Jesus, a aceitar humildemente ver a verdade que somos. A humildade e a verdade são a verdadeira ascética cristã, que torna o sujeito humano em verdadeiro místico⁸⁰, pois conhecer-se leva a contemplar Deus no íntimo do seu coração.

«À medida que prosseguimos com este processo de auto-aprendizagem de nós próprios – que dura toda a vida –, notaremos que temos uma vasta gama de imagens de nós mesmos. [...] Sob este aspecto poderá ser útil observar o nosso ego em acção, tentando-nos para que nos entreguemos a sentimentos de orgulho e superioridade, ou de rebaixamento e inferioridade, de autojustificação ou auto compaixão. [...] O ego é malandro e astucioso.»⁸¹

Tantas vezes temos de desmascarar o nosso ego duma humildade falsa, ao sentir-se superior e não ter necessidade de se gloriar publicamente, que é o orgulhar-se de ser humilde: “Ó Deus dou-te graças por não ser como o resto dos Homens” (Lc 18,11); outras vezes, ao reconhecer a nossa hipocrisia assumimos um complexo de culpa e começamos a baixar os braços convencidos de que não atingiremos o amor e o altruísmo.

«Uma fonte de todos estes sentimentos de culpa é o superego. O superego são todos os deveres que nos enchem a cabeça. É a voz interior que nos incita a fazer isto e a evitar aquilo. Algumas pessoas confundem o seu superego com a voz da consciência ou com a voz de Deus.»⁸² Aprender a conhecer-se a si próprio implica, pois, uma consciência dinâmica dos sentimentos de culpa, dos condicionamentos sociais e do superego.

A auto-análise é, na Psicologia do inconsciente, o método que leva a pessoa à cura integral, do mesmo modo, o auto-conhecimento, na mística cristã, é o dinamismo de cura interior, que passa, à semelhança da auto-análise, por um verdadeiro e corajoso exame de consciência, viajando até ao inconsciente do nosso ser, onde a luz do Espírito Santo nos mostrará as feridas, mágoas, as acusações, os conflitos, as tensões não solucionadas, enfim, a nossa humilde realidade. Aqui chegados, aproximamos o nosso coração ao Coração de Jesus e a Graça fluirá, libertará o sujeito humano de todas as suas opressões. O psicólogo, na Psicologia do inconsciente, tem o papel de levar o paciente a consciencializar por si, os seus

⁷⁹ NOLAN — *Jesus Hoje*, p. 147

⁸⁰ Cf. NOLAN — *Jesus Hoje*, p.115: «Segundo a profecia, tantas vezes citada, do grande teólogo do século XX, Karl Rahner, “o cristão do futuro, ou será um místico, ou deixará de existir”»

⁸¹ NOLAN — *Jesus Hoje*, p. 151-152

⁸² NOLAN — *Jesus Hoje*, p. 153

recalcamentos e a exprimi-los de forma sensível, dando-se a libertação; também neste processo de auto-conhecimento, Jesus deixou no seu lugar alguém, o sacerdote, para o servir no papel daquele que está disponível para ouvir. O sujeito humano consciencializa todos os erros e falsidades do seu ego, confessa-os, verbaliza-os com todo o sentir do seu coração, e escuta, finalmente, a palavra do sacerdote: “Os teus pecados estão perdoados, vai em paz”, que é o mesmo que dizer: “a tua fé te curou”, “levanta-te, pega no teu catre e vai para a vida”.

No sentido de passar à prática o que acaba de ser dito quero propor agora um exercício possível de auto-conhecimento e cura que eu próprio experimento e que passo a transcrever em primeira pessoa:

«Primeiro passo é predispor de um tempo e lugar durante o dia, manhã, tarde ou à noite, conforme o que cada pessoa acha melhor para si própria. “Tu, entra no quarto mais secreto e, fechada a porta,...” (Mt 6,6) Encontrado o tempo e o lugar de silêncio e quietude, sento-me em posição confortável fazendo as pernas com o tronco um ângulo recto. Fecho os olhos e faço por três vezes, no mínimo, respiração profunda: inspiro pelo nariz profundamente, enchendo em pleno os pulmões e expiro pela boca todo o ar. É conveniente que o abdómen se dilate com o enchimento dos pulmões. Terminado este relaxamento corporal, estou pronto para calar todos os sons, pensamentos e preocupações que vão na minha mente. Começo por louvar Deus, “Abba”, pela minha vida, liberdade, pelo meu corpo, pelos meus sentidos, pelos meus desejos... louvo pela criação da terra e do céu, todas as criaturas, plantas, aves, animais...pelos bens que usufrui todos os dias: a minha casa, meu quarto, a comida... louvo pela família, amigos, inimigos, porque o Pai faz nascer o sol para os justos e injustos... Faço silêncio no meu coração... Caso tenha alguma preocupação, alguma questão pessoal difícil para resolver e me deixa a minha mente inquieta, fixo-me no nome de Jesus, repetindo-O as vezes necessárias até que a mente serene... até à hora de invocar o Espírito Santo e vê-LO a preencher todas as partes do meu ser. Da cabeça aos pés, todo o sistema nervoso é penetrado pelo Espírito... depois deixo fluir o Espírito por todos os órgãos desde boca, nariz, pulmões, estômago, fígado, intestinos...músculos, mãos, pés... Respiro profundamente pelo nariz, e expiro lentamente pela boca... Começo a percorrer a minha consciência até ao mais escuro do meu ser. Analiso as minhas acções, procurando toda a verdade nas intenções que pus nos meus actos, sem medo de encontrar hipocrisia nas minhas acções, nas minhas palavras, nos meus pensamentos... Até me emociono com as palavras proferidas ou recebidas dos outros meus próximos... aí encontro feridas, ofensas e retaliações... deixo que todos esses sentimentos sejam vividos no meu coração...perdo... desejo o perdão dos outros... Sim, encontro a verdade nos meus pensamentos, nas intenções, nas palavras e até descubro que deixei de fazer bem a determinada pessoa, porque outros podiam pensar que me estava a mostrar... A cada ferida, ofensa, levo a minha vontade de perdão... o silêncio reina no meu inconsciente, no meu eu mais profundo... sei que Deus, o “Abba” aí está à minha espera de braços abertos, para me vestir a roupa de “filho”...”Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.” (Lc 15,21) E no meu centro escondido ouço o eco do meu grito: “Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; ponde-lhe um

anel no dedo e sandálias nos pés. [...] Vamos fazer um banquete e alegrar-nos” (Lc15,22). Fico no silêncio e, agora, agradeço espontaneamente a alegria, a paz, o amor, a plenitude que vivo... Respiro fundo de novo e abro os olhos. Sinto-me novo, restabelecido em todas as minhas forças físicas, psíquicas e emocionais, capacitado para amar e ser amado. Sazonalmente, conforme a minha consciência me indicar, posso concluir este processo de auto-conhecimento, pedindo a Jesus a Graça santificante no sacramento da reconciliação.»⁸³

O processo de auto-conhecimento do sujeito humano precisa de ser assumido todos os dias, como o próprio corpo se lava diariamente. A consciência do sujeito humano leva-o à profundidade do eu para aí descobrir as intenções ocultas dos gestos, das palavras e acções, desfazer todas as ilusões e assumir a verdade, a liberdade, a dignidade e responsabilidade. Neste processo, a pessoa humana encontra-se e encontra Deus, e verá realizada a sua cura e libertação integral.

Curar o sujeito humano deve ser a condição prioritária do Homem pelo empenhamento da razão e da fé. A verdade é que estou convencido que o Homem da psicologia é o mesmo da mística: pessoa consciente, livre, naturalmente relacionável, dotado de uma sensibilidade determinante na sua formação, crescimento e maturação. Este é o Homem, sujeito humano, purificado, expurgado, perdoado, capaz de amar e ser amado.

O ponto de partida para a cura e libertação da pessoa humana, começa no mesmo sujeito: Homem concreto, doente, deprimido, dorido, ferido, perdido, rejeitado, sedento... O método utilizado para o cura deste sujeito humano, sendo *auto-análise* na Psicologia do inconsciente ou *auto-conhecimento* na mística cristã, tem em comum, em primeiro lugar, a exigência de ser a própria pessoa a *consciencializar*, *vivenciar* e *verbalizar* as suas feridas, os seus recalamentos, os seus conflitos, os seus pecados, as suas rejeições, todo o seu mal-estar; num segundo momento, aceitar a sua fragilidade e contingência no confronto de si mesmo com toda a humildade, perdoando-se e perdoando os outros; e finalmente, o efeito da cura e libertação na pessoa: alegria, paz, auto-estima, leveza do seu ser, tranquilidade, confiança, compreensão, perdão, silêncio no seu coração, sentido do Transcendente.

A viagem ao inconsciente pela auto-análise e a viagem ao centro escondido do eu pelo auto-conhecimento é a reconciliação da razão e da fé. Este resultado leva-nos a incentivar o estudo *positivo* do inconsciente do homem através da psicologia bem como a ser místico através do *auto-conhecimento* na verdade, simplicidade e humildade.

⁸³ Este texto surge como resultado do exercício de auto-conhecimento que me imponho a mim mesmo e pode ser conseguido com a originalidade de cada pessoa.

CONCLUSÃO FINAL

Adolphe Gesché começa a procura da resposta à pergunta clássica *donde vem o mal*, *unde malum*, fazendo a leitura hermenêutica do Livro do Génesis. Eu gostava neste final da dissertação de reler no Evangelho de Mateus o que Jesus tem a dizer a respeito desta questão do mal, porque a Palavra de Deus no Novo Testamento é a revelação em Jesus Cristo do que foi dito no Antigo Testamento. Façamos a leitura:

²⁴Jesus propôs-lhes outra parábola: «O Reino do Céu é comparável a um homem que semeou boa semente no seu campo. ²⁵Ora, enquanto os seus homens dormiam, veio o inimigo, semeou joio no meio do trigo e afastou-se. ²⁶Quando a haste cresceu e deu fruto, apareceu também o joio. ²⁷Os servos do dono da casa foram ter com ele e disseram-lhe: ‘Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? **Donde vem, pois, o joio?**’ ²⁸‘Foi algum inimigo meu que fez isto’ - respondeu ele. Disseram-lhe os servos: ‘Queres que vamos arrancá-lo?’ ²⁹Ele respondeu: ‘Não, para que não suceda que, ao apanhardes o joio, arranqueis o trigo ao mesmo tempo. ³⁰Deixai um e outro crescer juntos, até à ceifa; e, na altura da ceifa, direi aos ceifeiros: Apanhai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; e recolhei o trigo no meu celeiro.’»

³⁴Tudo isto disse Jesus, em parábolas, à multidão, e nada lhes dizia sem ser em parábolas.

³⁵Deste modo cumpria-se o que fora anunciado pelo profeta:

*Abrirei a minha boca em parábolas e **proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo.***

³⁶Afastando-se, então, das multidões, Jesus foi para casa. E os seus discípulos, aproximando-se dele, disseram-lhe: «Explica-nos a parábola do joio no campo.» ³⁷Ele, respondendo, disse-lhes: «Aquele que semeia a boa semente é o Filho do Homem; ³⁸o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do Reino; o joio são os filhos do maligno; ³⁹o inimigo que a semeou é o diabo; a ceifa é o fim do mundo e os ceifeiros são os anjos. ⁴⁰Assim, pois, como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será no fim do mundo: ⁴¹o Filho do Homem enviará os seus anjos, que hão-de tirar do seu Reino todos os escandalosos e todos quantos praticam a iniquidade, ⁴²e lançá-los na fornalha ardente; ali haverá choro e ranger de dentes. ⁴³Então os justos resplandecerão como o Sol, no Reino de seu Pai. Aquele que tem ouvidos, oiça!» (Mt 13, 24-43)

A primeira reflexão que me ocorre é que Jesus confirma-nos que para se falar de realidades irracionais, fora da nossa compreensão racional, o melhor é contar uma história e retirar daí as lições para compreender a realidade invisível escondida na visível. Eu creio que as teses contidas na narrativa das origens sobre o mal estão também presentes nesta história. Vejamos:

- O mal na figura de serpente-enigma vem de fora do mundo da criação, é um **desconhecido** que Deus trata como um adversário ao amaldiçoá-lo e combatê-lo com a

inimizade da mulher. Nesta parábola o mal é a imagem de um desconhecido inimigo, o diabo, que vem do exterior do campo pela calada da noite e semeia o joio, os filhos do maligno, junto do trigo, os filhos do Reino;

- Da leitura hermenêutica do Génesis o mal é aquilo que não foi previsto, portanto Deus não previu o mal. O mal é um **imprevisto** para Deus e para o Homem e como tal aparece como uma surpresa. O Filho do Homem só semeou boa semente que é o trigo; o joio não foi previsto e ao ser semeado pela calada da noite sem ser esperado pelo dono do campo e seus servos é uma **surpresa** pois nasce junto do trigo hasteado e com fruto. É este carácter de surpresa do mal que torna Deus vulnerável ao mal. Como? O Senhor da terra, o Filho do Homem, permite a permanência do joio no mundo porque quer que todo o trigo, todos os filhos do Reino se salvem em liberdade. O carácter de surpresa do mal está evidente nesta parábola de Jesus que confirma o Deus "surpreendido" no Génesis perante as consequências do mal em Adão e Eva representadas na sua nudez. Só o muito amor de Deus, do Filho do Homem aos filhos do Reino pode justificar a tolerância para com o joio. Por isso o primeiro a ser atingido pelo mal é Deus, o Filho do Homem na vulnerabilidade da grandeza do seu amor. É a **prioridade das vítimas** do mal provocada pelo joio que está em causa. Jesus matem-nos neste mistério da iniquidade até ao termo do mundo. Não deveremos calar a razão quando objecta contra Deus por permitir o mal? Não deveremos calar a filosofia neste ponto e dar lugar à teologia? Jesus convida-nos a dar o salto neste mistério e a usar a fé para compreender que não é o mal que objecta contra Deus, mas é Ele Mesmo que enviará os seus anjos para eliminar o joio na ceifa; é Deus que se torna objecção contra o mal pois o combaterá até ao fim.

- O homem e a mulher aparecem no Génesis como criaturas boas e inocentes. O aparecimento do mal transforma-se num acidente que sobrevém sobre a humanidade. O mal não faz parte da natureza imanente do Homem. Na parábola é clara a distinção: o trigo, aqui figura dos filhos do Reino é uma semente boa, é posto na terra, no mundo sem qualquer mistura de joio. O Homem é bom na sua essência.

- O mal no Génesis aparece de repente e vindo de fora do Homem é um **acidente** da criação, uma catástrofe que atinge o Homem na sua finalização para Deus. A visibilidade do mal está mais nas suas consequências e objectividade desastrosas do que na sua subjectividade inicial. O Senhor semeou boa semente no seu campo. O aparecimento do joio é um acidente na plantação provocado pelo inimigo que se oculta para não ser visto na sua real maldade. O mesmo fez a serpente-enigma que se disfarça em bondade para atrair e seduzir Eva. O Homem na sua existência histórica passou a conviver com o mal, com o joio. Nas raízes do trigo pode-se agarrar as raízes do joio. No Homem concreto passa a coexistir o Homem

bom, criatura, boa semente e o Homem pecador, tocado pelas raízes do joio, inquinado pelo joio.

- Deus acolheu o homem e a mulher como vítimas do mal vestindo-os. Nesta parábola o dono da terra tem como prioridade a **salvação** do trigo, para o proteger de ser arrancado com o joio, suspende a eliminação do joio até à ceifa. Não há dúvida que toda a semente boa, todos os filhos do Reino terão oportunidade para se salvarem do corte antes da ceifa. O Senhor que semeou, o Filho do Homem, deu essa garantia em liberdade e mandou aos seus servos, os anjos, que guardassem a sementeira. Jesus Cristo, o Filho do Homem, nos ensina noutras parábolas, como a do bom samaritano, a dar prioridade aquele que está deitado na estrada, ferido e a morrer, vítima do mal. O verdadeiro responsável pelo homem caído e ferido na estrada é aquele que se faz **próximo**. Não foi ao culpado que Jesus deu atenção nesta parábola. O combate contra o mal passa pelo apoio à vítima na caridade pois a justiça se encarregará de tratar do culpado. Todo o Homem, mesmo o culpado nas suas acções livres é vítima de solicitações, contaminações de joio, de tendências hereditárias, do peso de condicionamentos sociais e psíquicos (cresce no meio de joio, de tribulações) que devemos ter em conta e dos quais é preciso ajudar a libertá-lo a ele próprio pela razão e pela fé (o Senhor da terra teve em conta o trigo ao poupar o joio até à ceifa). A justiça terá o papel de o afastar da ocasião dos seus crimes, da ocasião do mal.

- O joio é um mal objectivo e representa o **mal infortúnio** que foi provocado pelo inimigo, o diabo. Quando o joio cresce junto com o trigo as raízes se tocam e é quando o próprio trigo se sente atingido e pode ser confundido com o joio. No Génesis o Homem é atingido por um mal infortúnio vindo de fora, o veneno da serpente-enigma que incute no coração de Eva um desejo estranho mas atraente e que Eva consentiu e se tornou vítima nas consequências desastrosas ao nível físico e moral. O pecado tornado objectivo na nudez de Adão e Eva que assim vão aparecer «diante de Deus» não é fruto de uma depravação, mas duma fragilidade humana. Há a surpresa do mal, há o carácter accidental do pecado, há vulnerabilidade do Homem ao que vem de fora, há sedução habilidosa do demoníaco que apresenta o mal sob a forma de bem. O Homem (Adão e Eva) tem assim a visão do mal «diante de si» como uma culpabilidade segunda e vê-se liberto duma culpabilidade excessiva e redutora ao subjectivo. Desta forma pode permanecer no mundo, no meio do joio, pode assim combater o mal pois já está prevenido. O pensamento teológico no ocidente ficou condicionado pela preocupação de lutar contra o maniqueísmo e fatalismo dando assim relevo ao sujeito humano sobre o mal: contra todas as resignações estóicas o homem é capaz na sua liberdade de fazer o bem e combater o mal. Toda a culpabilidade e responsabilidade são reduzidas ao sujeito. Mas este pensamento redutor do ocidente cristão apenas considerou o

mal moral e esqueceu este mal infortúnio que aparece no Génesis e aqui figurado no joio. Devemos às Teologias da libertação o mérito de chamar à atenção para o mal infortúnio que A. Gesché incluiu numa topologia conceptual e ética para além do mal de culpa e mal de pena.

- A desmoralização da questão do mal não elimina a culpabilidade pessoal, mas obriga-a a ocupar o seu lugar: a culpabilidade do Homem não é primeira, mas segunda em relação a uma perversão mais radical (a serpente-enigma, o diabo) e estaremos mais disponíveis, prevenidos e armados para lutar contra esta perversão radical se não estivermos obsessivos com o mal subjectivo, pois que o verdadeiro combate do mal é na ajuda à vítima e à nova responsabilidade do próximo. Desta forma daremos mais atenção ao desvio do nosso destino que representa este mal radical.

- Neste percurso, nesta viagem que fizemos com Adolphe Gesché à questão do mal e tendo em conta a narrativa do Génesis bem como a parábola do joio e a do bom samaritano percebemos que houve uma deslocação da responsabilidade de combater o mal: do culpado para o que está próximo; da responsabilidade de denúncia para a responsabilidade de ajuda; da responsabilidade de culpabilidade para a responsabilidade da acção ao fazer-se próximo. Também percebemos que se o mal é algo desconhecido que vem de fora do mundo precisamos de uma salvação que venha de fora do Homem e do mundo. Se o mal é um excesso ao ponto de pôr em causa a produção do trigo, o destino do homem, é necessário um Outro excesso para o combater. Então a salvação é a única solução para acabar com o mal. É a única palavra pronunciada pelo Outro, Excesso, para tornar insolvente o mal. Na ceifa mandará os seus anjos que colham o joio para ser queimado e os justos verão a salvação no Reino de seu Pai. Mas a salvação de Deus necessita das mediações humanas: praticar a caridade com justiça, e praticar a justiça com caridade, à maneira de Marta e Maria que relata o Evangelho; pela conversão pessoal praticar a libertação psíquica em ordem ao autoconhecimento para uma verdadeira consciencialização das culpabilidades...

Finalmente, não deixa de ser curioso que entre a parábola do joio e a sua explicação o evangelista tenha referido que Jesus falava sempre em parábolas porque essa era a forma de revelar as coisas ocultas desde a criação do mundo. O mal vai continuar a ser um *mysterium iniquitatis* apesar de todas as histórias contadas e reveladas do antigo ao novo testamento. *Unde malum? Donde vem o joio?* Continuará a ser uma questão por esclarecer. É que só no tempo da ceifa, no juízo final se tornará claro para os filhos do Reino quando estes forem separados dos filhos da iniquidade, os escandalosos que praticam a iniquidade. No tempo presente ficamos mais esclarecidos e prevenidos para um mal radical que continua a semear joio pelo mundo, um mal objectivo, mal infortúnio que nos afecta de forma tantas vezes imerecidamente. Mas ficamos também esclarecidos e prevenidos para um mal que parte de

nós, um mal moral, subjectivo proveniente de uma liberdade humana mal usada e tantas vezes condicionada por factores hereditários, sociais, psíquicos e até económicos. Combateremos estes males com a justiça, a caridade, a conversão pessoal até ao dia que veremos a salvação, num processo que passará pela aceitação em nós da morte natural como a realidade mais profunda e autêntica para atingir a liberdade e o acesso à vida plena. A rebelião do Homem contra a morte retratada no pecado original como a tentativa de ser onipotente e antecipadamente atingir a vida plena sem passar pela morte natural foi o início do desvio da trajectória do Homem para Deus. A serpente-enigma, o mal radical, contraria a ideia de passar pela morte natural e incute esse desejo, essa rebelião e revolta contra a morte no coração do Homem por querer ser como Deus antecipadamente usando como meio o pecado, a desobediência. É a partir deste desejo, desta rebelião que a morte fica ligada ao mal. De novo temos que voltar às parábolas e a mais esclarecedora da morte natural é a do trigo que necessita de ser posto na terra e morrer para dar fruto abundante em espigas. E de novo voltamos à parábola do joio para percebermos que o trigo crescerá no meio do joio.

Mas a certeza da nossa salvação está na Páscoa de Jesus Cristo. Este acontecimento é que elimina o joio, o pecado do mundo no homem Jesus, o Novo Adão, o "Ecce Homo". Esta páscoa de Jesus é a nova criação em que o mal subjectivo e o mal objectivo são eliminados do corpo glorificado de Jesus apesar de manter a sua condição mundana e a sua humanidade ferida para sempre como comprovam as marcas dos cravos.⁸⁴

⁸⁴ Cf. CUNHA, Jorge Teixeira — *O Evento do Filho-Evento do Homem*. A relação do homem a Cristo Pascal fonte da ética na obra de F.-X. Durrwell, Porto. 1989

ANEXO

Curso de Doutorado em Teologia
FÉ, CURA E CAPACITAÇÃO FRENTE AO MAL
Um tempo que está mal de discurso sobre o Mal
(Documento de Trabalho)

Este programa não é propriamente sobre o Mal. É sobre um mal-estar quanto à questão do Mal, ao nível do pensamento e ao nível das práticas de cura e de ajuda.

A proposta de doutoramento parte de uma convicção remota: a de que o sujeito da cultura actual (moderna ou pós-moderna) é um sujeito muito abstracto. Por isso, o verdadeiro sujeito fica fora do pensamento e da prática. O sujeito cartesiano é um sujeito visto como algo (mais do que como “alguém”) sempre disponível para se manifestar, visto como “res cogitans et agens”. (Não falamos já das dimensões esquecidos, como a “homo patiens”). Ora o sujeito não é um dado de acesso imediato. Há uma distância entre a subjectividade verdadeira e a subjectividade aparente. É necessário um caminho hermenêutico e um caminho terapêutico para lá chegar. Sem percorrer esse caminho, a sua verdadeira identidade (ipseidade) fica fora do âmbito do pensamento e da acção. A cultura é feita de objectos e de acontecimentos, de representações que tendem a estabelecer uma intriga entre esses objectos e acontecimentos. Mas, mesmo aí, o verdadeiro sujeito está, em boa medida, descentrado do pensamento e da cultura.

Sendo mal pensado e fracassado enquanto sujeito, muitos dos seus pensamentos e das suas práticas, enquanto protagonista da cultura e da história, são falhadas. Basta olhar as políticas de educação, para a justiça (penal), a saúde (sobretudo psíquica e mental) para ver como, falhando a promoção da subjectividade autêntica, todas essas acções são, em boa medida, formas de desperdiçar recursos. Ocorre, portanto, centrar-se sobre o verdadeiro sujeito e inventar o caminho para lá chegar. Várias correntes têm tentado esta focalização no verdadeiro sujeito.

A teologia não tem conseguido descolar deste universo imperfeito. O que pode a teologia fazer para focar o verdadeiro sujeito que lhe toca identificar e salvar? O acesso às fontes da teologia aparece como incapaz de acercar-se ao sujeito, sobretudo a Cristo na sua pessoa. Abeira-se dele como promotor de um programa, de uma representação do mundo e de Deus e, em nome dela, inventa uma sacramentalidade e justifica um compromisso por um certo tipo de mundo. Mas este (o acesso a Jesus e à sua acção salvífica) não é o nosso verdadeiro problema neste curso. O nosso problema, condicionado pelo anterior, é o sujeito humano e a sua salvação. O nosso tema é preferentemente antropológico e ético, no mais fundo sentido desta palavra. E, quanto a este ponto, vemos que, a partir das suas fontes, o sujeito “natural” não está preparado para viver. Nasce incapaz de viver a *sua* vida. Porquê? Há uma velha questão ligada com o mal, com o pecado das origens, com o fracasso da liberdade que são causa e consequência disso. As fontes cristãs mostram-nos como o sujeito, para começar a viver, necessita de ser curado. A atitude religiosa (que também necessita de cura) é uma forma de cura, vista desde o cristianismo. Que cura? Eis a questão.

Daqui decorre a segunda preocupação: a questão do Mal. Qual a situação da cultura diante do mal? Da banalidade do mal falou, de maneira emblemática, H. Arendt. Banalidade do discurso sobre o mal e ingenuidade quanto à apreensão da agência (o que é fazer mal?) e das consequências do mal agido (o erro, o engano, a injúria, o mal imerecido). O raciocínio sobre o mal, na cultura comum, funciona em curto-circuito: o mal não é para ser enfrentado, é para ser camuflado ou, quando muito, para ser combatido sem esperança de o compreender. Quer o mal que está no ser humano, quer o mal que está na sociedade. Outras correntes, mais voltadas para o passado, acham que o mal está no progresso científico e técnico. Por isso, pensam, urge um regresso à natureza, vista como perfeição original, à maneira romântica. Estes caminhos podem, talvez, ser agrupados como novos gnosticismos científicos, tanto voltados para o passado como voltados para o futuro. De um modo ou de outro, são formas simplistas de lidar com o assunto do mal.

A teologia tem obrigação de entrar neste assunto com um olhar muito lúcido. Para a teologia, olhar o mal significa iluminá-lo “em si próprio e em Deus”. Olhar o mal teologicamente significa passar da visão impessoal ao frente-a-frente com Deus (teodiceia). O Mal estrutural e o Mal assumido diante de Deus (“Pequei contra ti...”).

Por este caminho, a teologia ilumina a questão do mal, na sua forma popular, ou seja o mal explicado pelo obscurantismo e tratado na prática supersticiosa. A cultura e a pastoral da Igreja têm, a seu modo, uma compreensão imperfeita sobre o mal. Raramente se ocupam dele a nível teológico. Porquê este esquecimento, uma vez que o cristianismo é uma salvação que enfrenta o Mal? Porque é que a capacidade terapêutica da fé ficou completamente esquecida e favor de uma prática pastoral muito débil ou confiada a agentes que actuam por conta própria, praticando terapias (exorcismos?) de duvidoso bom gosto e de eficácia muito discutível?

O pensamento filosófico e teológico tem virtualidades para pensar o mal de outro modo. Entre esses, ressalta o caminho de algumas figuras da Escola Portuense. Por razões de contexto evidente, o pensamento portuense será uma das fontes a partir das quais se tentará iluminar a questão do mal.

Por sua vez, a teologia tem também recursos inexplorados. Entre esses: uma nova leitura das fontes bíblicas e litúrgicas no que toca a questão do mal e do eventual Maligno, da acção terapêutica de Jesus, da acção sacramental e litúrgica da Igreja; uma nova consideração sobre a questão da acção salvífica da Páscoa de Jesus, no seu doloroso encontro com o Mal, e uma abordagem da praxe aclesial, actuação da acção salvífica de Cristo, tanto nos Sacramentos (Penitência e Unção dos Enfermos) como nos sacramentais (as bênçãos e exorcismo), especificando o contexto celebrativo e a consciência do cristão que padece, em relação a Deus e ao mundo.

O CDT tem os seguintes objectivos: (1) olhar de frente a antiga questão do mal e esclarecê-la no contexto das necessidades recentes da cultura (impotência do sujeito, esgotamento das práticas terapêuticas); (2) intervir teologicamente sobre as práticas supersticiosas e obscurantistas de abordar pastoralmente a questão do mal e do Maligno; (3) reabilitar a prática sacramental e a ajuda terapêutica em relação aos sofrimentos reais ou fictícios do sujeito da cultura actual.

O CDT privilegiará os seguintes meios: (1) releitura das fontes bíblicas sobre a relação terapêutica de Jesus e as consequências antropológicas que decorrem dessa prática; (2) frequência do pensamento filosófico (nomeadamente a Escola Portuense) e teológico recente sobre o tema do mal.

BIOGRAFIA de ADOLPHE GESCHÉ (1928-2003)

Formação e carreira académica

Adolphe Gesché nasceu em Bruxelas em 25 de Outubro de 1928. Depois das humanidades no Colégio Saint-Pierre, em Uccle, seguiu os estudos de filosofia e letras nas faculdades de Saint-Louis, em Bruxelas, em 1952, antes de obter licenciatura em filosofia e literatura (seção Filologia Clássica) na Universidade Católica de Louvain. Tendo escolhido abraçar a vida sacerdotal, estudou Teologia por três anos no Seminário de Malines. Ordenado sacerdote em 1955 pela diocese de Malines-Bruxelles, tornou-se capelão militar e depois vigário da paróquia de Sainte-Suzanne Schaerbeek. Defendeu a tese de mestrado em teologia em 1957 e no ano seguinte, a tese de doutoramento na Universidade Católica de Louvain. Pesquisador Associado na FNRS, obteve em 1962 o grau de Mestre em Teologia com um trabalho intitulado "La christologie du 'Commentaire sur les Psaumes' découvert à Toura."



Professor no Seminário de Malines, ensina igualmente teologia dogmática especial na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina, onde se tornou professor ordinário em 1969, e continuou sua carreira académica até ter jubulado em 1994. Através de orientação de teses, A. Gesché marcou gerações de estudantes da Europa, da América e de África. Durante três décadas, acompanhou as pesquisas inovadoras na teologia da libertação, teologia feminista, teologia do Processo ou ainda a teologia da ciência; igualmente através dos seus escritos contribuiu para renovar ensinamentos tradicionais sobre Deus, sobre Cristologia, sobre a criação e sobre antropologia.

Gesché desenvolveu um novo estilo de comunicação com a cultura de seu tempo, mantendo uma estreita relação com a literatura. A partir de 1991, criou com uma equipe de teólogos um colóquio bienal, em que participaria por sete vezes e perdura com o nome de "Colloques Gesché". A sua influência ultrapassa as fronteiras francófonas graças à tradução em vários idiomas da sua série de publicações intituladas "Dieu pour penser" (1993-2003). Também publicou uma série de artigos de revistas e contributos para obras colectivas. As actas de "Colloques Gesché" tiveram um sucesso fora de comum para este género de evento. Dois livros de pensamentos e citações (série "Pensamentos para pensar", 2003 e 2004) também foram publicados. Depois de ter vivido um período rico em produção e publicações enquanto professor jubulado, A. Gesché morreu em 30 de Novembro de 2003.⁸⁵

⁸⁵ Cf. GESCHÉ, A. <http://uclouvain.be/355399.html> 14-12-2012 16H

ÍNDICE GERAL

Bibliografia	1
Introdução	3
CAP. I - A surpresa do mal no plano da criação	11
1. «O mal confunde a razão e faz-nos ficar sem palavras»	11
2. O mal na narrativa das origens	15
2.1. Deus "surpreendido" pelo mal	16
2.2. A surpresa do Homem diante do mal	20
2.3. Consequências da surpresa do mal	21
CAP. II - O mal como infortúnio	25
1. O mal desgraça ou infortúnio	25
2. O mal nas teologias da libertação	27
3. Des-moralização do mal	28
4. Re-dogmatização do mal	29
5. Adversário do Homem: o Demónio	30
6. Topologia conceptual e ética do mal	31
7. Topologia ontológica do mal	32
8. Topologia estrutural e sequencial	33
CAP. III - Deus "surpreendido" desce ao mal para o combater	35
1. Mistério da salvação	35
2. Mediações humanas para combater o mal	38
2.1. A auto-análise como libertação psíquica do sujeito humano	39
2.2. O auto-conhecimento na conversão pessoal contra o mal culpa	45
Conclusão Final	50
Anexo	55
Biografia de Adolphe Gesché	58